

MARCELO LAPUENTE MAHL

A escola, a história e este momento.

Memorial

Marcelo Lapuente Mahl

Memorial de atividades acadêmicas
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
como requisito parcial para a promoção à
Classe de Professor Titular da Carreira de
Magistério Superior, conforme a Resolução Nº
03/2017 do Conselho Diretor da UFU.

Instituto de História
Universidade Federal de Uberlândia
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M214e Mahl, Marcelo Lapuente,
2025 A escola, a história e este momento [recurso eletrônico] / Marcelo
 Lapuente Mahl. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5140>
Inclui bibliografia.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de História. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

Resumo:

Este memorial apresenta as atividades acadêmicas desenvolvidas pelo professor Dr. Marcelo Lapuente Mahl, lotado no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a promoção à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor da UFU.

Abstract:

This memorial presents the academic activities carried out by Professor Dr. Marcelo Lapuente Mahl, assigned to the History Institute of the Federal University of Uberlândia (UFU), as a partial requirement for promotion to the Full Professor Class of the Higher Education Career, in accordance with Resolution No. 03/2017 of the UFU Board of Directors.

Banca Examinadora:

Titulares :

Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior (UFU) – presidente

Dr. Antonio Celso Ferreira (Unesp)

Dr^a Maria Teresa Santos Cunha (UDESC/UFSC)

Dr^a Tania Regina de Luca (Unesp)

Suplentes:

Dr^a Kátia Rodrigues Paranhos (UFU)

Dr^a Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro (UFU)

Dr^a Regma Maria dos Santos (UFCAT)

Agradecimentos:

Sou especialmente grato aos meus colegas e interlocutores na Universidade Federal de Uberlândia: Adalberto de Paula Paranhos, Adriana Cristina Omena dos Santos, Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, Amon Santos Pinho, Ana Paula Spini, Antonio Carlos dos Santos, Antonio César Ortega, Carla Miucci Ferraresi de Barros, Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, Gustavo de Souza Oliveira, Ivan Marcos Ribeiro, Jean Luiz Neves Abreu, Joana Luiza Muylaert de Araújo, João Henrique Lodi Agreli, Kátia Rodrigues Paranhos, Marcos Luiz Ferreira Neto, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, Mônica Brincalepe Campo, Paulo Sérgio da Silva, Romana Isabel Brázio Valente Pinho (*in memorian*), Selmo Haroldo de Resende, Selva Guimarães Fonseca e Sertório de Amorim e Silva Neto.

Sumário:

1- Introdução	9
2- Período de Formação	
2.1. Infância e Juventude	14
2.2. Ensino Superior	26
3- Trajetória Profissional	
3.1. Vida de Professor	32
3.2. Mestrado e Doutorado	40
3.3. Universidade Federal de Uberlândia	47
3.4. Produção Acadêmica	55
3.5. Pesquisa e Experiência Internacional	65
3.6. Atividades de Gestão	76
3.7. Literatura	82
4- Conclusão	87

E antes que o esquecimento nos

O que quero recordar é uma rua. Rua que nomeio para não nomear a pousada
de Gabriel e o grande terreiro dos cães e o poço seco de Clara Vallarino e a
figueira do diabo.

E quero recordá-la antes que desapareça de todas as memórias assim como
desapareceu sob a areia do governo de Odría em 50.

Os velhos que jogavam dominó já não eram nem lembrança.

Ninguém brincava e ninguém se apressava nessa rua, nem mesmo os
remoinhos do terral pesados como pedras.

Já não havia por onde sair nem aonde entrar. A neblina e o sol eram areia.

Apenas os meninos e os cães corríamos atrás
do caminhão azul do avô de Célia.

O caminhão de água doce, com seus cilindros altos da Castrol.

E então pisei em uma garrafa quebrada. Os meninos (talvez) converteram-se
em estátuas de sal.

Os cães (pobres cães) foram mortos pelo oficial da Urbanizadora.

E a Urbanizadora tinha uns tratores amarelos
e botou meio-fio e nomeou como ruas as terras
que nós mesmos não havíamos nomeado.

(Também são só esquecimento).

O que quero recordar é uma rua. Não sei nem para quê.

Antonio Cisneros, *Sete Pragas Depois*.

Introdução

O escritor Jorge Luis Borges sintetizou em poucas palavras as dificuldades enfrentadas por alguém que procura um outro em si mesmo, agora ausente, que só persiste sua existência na memória, “Assim que o vislumbro, já o perco”¹. Em uma continuação desse labirinto borgiano, onde a desorientação e o desaparecimento são inevitáveis, penso que esse movimento, o de procurar-se, em um tempo que já foi, leva a uma pergunta irremediável:

Quem irei encontrar?

Sem saber ao certo, começo aqui uma busca, com o desafio adicional de recontar minha trajetória, tentando entrelaçar, mesmo que em linhas frágeis, a experiência individual com a coletiva, reconstruindo não somente uma vida - o que seria por si só um trabalho impossível e, em certa medida, vão -, mas a de uma geração, que cresceu no Brasil do final da ditadura militar, teve a sua formação escolar nos decênios 1980/1990, chegou à idade adulta nos anos 2000, e que no momento em que escrevo, 2024/2025, completa meio século de existência.

Uma geração que viveu, por certo, o final da chamada “Era dos Extremos”, sobre o qual nos conta o historiador Eric Hobsbawm², experimentando, de forma fragmentada, o crepúsculo de uma ditadura e o sofrido processo de redemocratização, as infindáveis crises políticas e econômicas, as consequências geopolíticas da derrocada soviética, e especialmente o nascimento do novo mundo criado a partir da popularização dos computadores e da revolução digital.

A forma como essas grandes transformações, e outras menos evidentes, de âmbito mais regional ou local, mas nem por isso menos importantes, afetaram a mim e a meus contemporâneos, será o fio condutor desta narrativa. Seguindo este percurso ambicioso, e de certo modo quixotesco, espero que surja um quadro, certamente borrado pelo tempo, do que fui e sou, que permita aos eventuais leitores deste memorial que minimamente me (re)conheçam.

Outro problema a enfrentar aqui: o que é relevante para este desvelamento de si? Apelo para o sociólogo Pierre Bourdieu, que em seu esforço de autoanálise, o mais próximo que chegou de uma autobiografia, que ele mesmo sempre definiu como um

¹ BORGES, Jorge Luis. *O Fazedor*. In: *Obras Completas*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ed. Globo, 2000. p. 537.

² HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX – 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

gênero “convencional e ilusório”, escolheu relatar aquilo que “teria gostado de encontrar quando tentava compreender os escritores ou artistas do passado”³.

Assim, fico com os elementos que julgo serem relevantes para uma compreensão da minha história que estejam mais diretamente ligados ao eixo central que justifica tal esforço, qual seja, a formação de um sujeito que se tornou professor, função exercida ininterruptamente há quase trinta anos, e que muitos ainda definem - ainda não sei se de forma correta ou não -, como uma espécie de sacerdócio, um ato de fé.

Ultrapassada a questão do conteúdo, vamos à forma, partindo da inevitável pergunta: como relatar uma trajetória de vida? De modo cronológico e linear, falseando as rupturas e as indecisões, escondendo o imponderável e o fator sorte - ou seu gêmeo indesejado, o azar -, oferecendo, na medida do possível, ordem ao caos, ou aceitando este mesmo caos como parte constitutiva do sujeito, ignorando datas e deixando falar livremente os recuos, os desacertos e indecisões, jorrando o passado como um fluxo de consciência ininterrupto, sem críticas ou julgamentos, daquilo que Ricardo Piglia definiu como “a experiência confusa, sem forma e contingente da vida”⁴?

Escolho aqui seguir a ordem cronológica dos anos, por ser mais compreensível, mesmo quando somente sugeridos, tal qual executado pelo mestre Piglia, ele também um historiador de ofício, indo do começo ao meio (onde estou agora), porque espero estar ainda longe do fim, mas sem coibir as indecisões e as inseguranças, e principalmente elas, que carregam verdades que não podem ser disfarçadas.

Cabe também agora uma breve explicação sobre o título dado a este memorial, “A escola, a história e este momento”. Sempre me entendi uma pessoa ligada estruturalmente à escola. Vivi grande parte de minha vida dentro dessa singular invenção, primeiro como aluno, depois como professor. Mesmo na universidade, continuo me sentindo integrado nesse ambiente, no sentido mais amplo do termo; como um espaço privilegiado de ensino e aprendizagem. Foi nesse lugar que aprendi os conhecimentos formais, fiz e faço amigos, troco experiências e elaboro meus projetos futuros; aí também me enraiveço, me decepciono, e também me reconstruo. Agora, como pai de dois filhos, estou em uma outra situação, reaprendendo com eles coisas novas a cada dia, especialmente neste difícil papel de tutor em um mundo novo, talvez se movendo mais rápido do que eu possa assimilar. Neste sentido, a escola me fez, e foi aí que atuei, e continuo atuando, como sujeito. Espero

³ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. Trad. Sergio Miceli. São Paulo, Cia das Letras, 2005. p. 133.

⁴ PIGLIA, Ricardo. *Um dia na vida – os diários de Emilio Renzi*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2021. P. 10.

que este memorial consiga revelar um pouco dessa minha singular utopia, por meio de uma história fundamentada em “fatos” que creio reais, e que me trazem ao momento exato em que escrevo.

Dividi esta narrativa em duas partes. A primeira, intitulada “Período de Formação”, traz informações, partindo dos meus anos iniciais, até a entrada no mercado de trabalho, como docente, aos vinte e dois anos. O leitor que não se interessar por esta espécie de prólogo expandido, de teor mais memorialístico, poderá ir diretamente para a segunda parte, intitulada “Trajetória Profissional”, que se dedica de forma mais objetiva às atividades acadêmicas, incluindo aí minha história de quase dezesseis anos, completados em 2025, na Universidade Federal de Uberlândia.

Ao longo do texto, me restringi a citar os trabalhos que julgo mais representativos de minha trajetória, especialmente nos níveis da pesquisa e do ensino, nas notas de rodapé, evitando, contudo, utilizá-las em demasia, para não interferir no curso da narrativa. De todo modo, uma análise do currículo lattes, em constante atualização, poderá oferecer uma visão mais abrangente e pormenorizada das minhas atividades profissionais⁵.

Por fim, encerro esta introdução com uma passagem retirada da obra autobiográfica escrita pelo historiador britânico Tony Judt, que acabou por se converter também em sua despedida, após uma enfermidade devastadora, que o matou aos 62 anos de idade. Ao relatar um fato determinante que levou à sua entrada como aluno bolsista no King’s College, ele reflete sobre como este episódio acabou por alterar toda a sua vida, e que se ele não houvesse sido contemplado naquele instante - como acontecera em todas as suas tentativas anteriores -, certamente teria continuado em seu emprego como entregador de tapetes, ou algo parecido. O que me faz pensar sobre a “casualidade” da vida, fator sempre à espreita em um texto que se remete ao tempo passado, que desmonta rapidamente o quebra-cabeça que desvendamos com um modelo final certamente inexistente; um pequeno fato, um simples desvio de um grau em uma rota também incerta, um contratempo qualquer, uma doença, um adeus, e pronto: “tudo poderia ter sido diferente”⁶.

⁵ Endereço do lattes: <https://lattes.cnpq.br/2460148926174770>

⁶ JUDT, Tony. *O Chalé da Memória*. Trad. Celso Nogueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 133.

Período de Formação

2.1 Infância e Juventude

Em fevereiro de 1974, minha mãe desembarcou na capital paulista, na antiga rodoviária da Av. Duque de Caxias, que funcionava bem próximo à atual Sala São Paulo, no complexo cultural Júlio Prestes, depois de uma viagem que durou mais de 24 horas, para se encontrar com meu pai, que chegara algumas semanas antes para acertar detalhes de um novo trabalho especialmente vantajoso na Ericsson, uma empresa de telecomunicação de origem sueca. Dessa viagem ficou na memória deles, sempre reproduzida com boas palavras aos filhos, a sua coragem e força juvenis, a visão de uma cidade gigantesca e estranhamente acolhedora, a praça da Sé e a rua Direita, e uma refeição no Terraço Itália, com direito à café e sobremesa.

Eles foram os primeiros de seu núcleo familiar direto a saírem do Rio Grande do Sul, mais precisamente da cidade de Pelotas, em direção à capital paulista. Estavam prontos para iniciar uma nova vida de recém-casados, e meu pai, que acabara de se formar em uma escola técnica federal, depois de superar uma infância difícil no ambiente rural, estava pronto para oferecer sua mão de obra ao tão alardeado milagre econômico brasileiro.

Apesar da aventura paulistana, acabei não nascendo na metrópole, nem em Pelotas, o que seria mais lógico, rodeado pela enorme parentalha, mas sim em Piracicaba, no interior paulista, onde meus pais não conheciam ninguém além daqueles que compartilhavam seus destinos na pensão do seu Adão, na rua D. Pedro II, próxima ao tradicional mercado municipal da cidade. De lá, também por motivos profissionais, nos deslocamos para Andradina, onde moramos por cerca de dois anos, para depois nos estabelecermos definitivamente em São José do Rio Preto, onde vivi, com breve interrupções, até minha entrada na UFU, em 2009. Sou, portanto, filho de dois migrantes, Jaldo Soares Mahl e Cleusa Duarte Lapuente, de origens castelhanas e alemãs; de um jeito meio torto, me criei como um caipira paulista de origem gaúcha, um dos milhares a nascer na *hinterland* (re)povoada pelos que se deslocaram de seus locais de origem, muitas vezes sem nada além de sonhos, em busca de uma vida melhor, numa movimentação populacional que mudou a feição do país nas décadas de 1960 e 1970.

Poucas memórias sobraram dessa minha primeira infância - de Piracicaba quase nada -, mas os relatos familiares e as fotografias de um garoto rechonchudo comprovam

o período que se esfumou. Os primeiros passos em Andradina, morando em uma pensão chamada *Cinehotel*, bem em frente à praça central, onde funcionava, como o próprio nome diz, sem surpresas, um cinema e um hotel, e que ficava ao lado de uma das tantas linhas férreas que cortavam o estado. Estaria aí a origem de minha adoração pelos apitos das locomotivas, por cinemas e quartos de hotel?

De todo modo, foi em São José do Rio Preto, no Noroeste Paulista, a certa de 150 km de Araraquara, em direção às barrancas dos rios Grande e Paraná, que os episódios da minha vida se tornam mais nítidos, uma vez que cheguei aí, “de mala e cuia”, junto com a família, pouco antes de completar três anos, em 1977. Nesta cidade criamos raízes, fizemos amigos, e nasceram meus dois irmãos, Fábio e André Lapuente Mahl. Não tenho dúvidas em dizer que fomos muito felizes em Rio Preto, apesar da saudade de um Rio Grande do Sul em grande parte idealizado, que sempre povoou a memória de meus pais, e criou um léxico familiar próprio difícil de desvendar.

Esses laços gaúchos, constantemente reatados, deram origem a uma espécie de romaria anual da família, que durante a adolescência cheguei a percorrer sozinho, rumo a esse sul profundo, repleto de tios, primos, e as figuras centrais dos avós, cujas falas e gestos, por vezes mais castelhanos que brasileiros, ainda povoam fortemente o meu imaginário, mesmo depois de inúmeros desaparecimentos, em um cenário tão diferente do que eu vivia cotidianamente, e muitas vezes chego a me perguntar se aqueles chalés de madeira, as lareiras fumegantes e o cheiro de erva mate, o velho mercado e suas peixarias, as ruas de paralelepípedo, as parreiras carregadas e os pêssegos enormes, as cucas perfumadas, o casario antigo, as praias gélidas e o sopro do minuano não seriam, na verdade, fruto da minha imaginação, sem lastro no mundo real. Vozes polifônicas que compõe a minha herança memorialística, do qual sou sujeito e resultado, e que oferecem um efeito proustiano decisivo e incontornável.

Mas o que significava crescer no interior de São Paulo naquele final dos anos de 1970? Em minha lembrança foi um tempo de extrema liberdade, vivida em plena ditadura. Já um pouco mais velho, quando ganhei autonomia, com menos de dez anos, corria por toda a cidade de bicicleta, a pé ou de ônibus. Não me recordo de restrições aos meus

deslocamentos que hoje seriam comuns em cidades médias, para não dizer nas grandes. Ficávamos, eu e meus amigos, até o anoitecer nas ruas, que eram incrivelmente vazias de carros, se comparadas com os dias atuais. Morávamos em um conjunto de prédios de três andares, sem elevador, e as calçadas poderiam ser consideradas como uma extensão natural de nossas casas. E o calor era brutal.

Foi também um tempo de pasmaceira. A televisão era uma só, que minha mãe decorava com uma toalhinha de crochê, e os programas se restringiam aos desenhos e filmes norte-americanos, dos quais me lembro muito pouco. Cito somente uma exceção que ainda me acompanha: os filmes de Jerry Lewis, que invariavelmente ocupavam as “sessões da tarde”, e com os quais ainda me divirto. Obras geniais que desapareceram das telas, infelizmente.

Havia sim o cinema, e este foi um capítulo à parte. Íamos frequentemente, e meus pais devem ter assistido aborrecidos muitas idiotices empurradas goela abaixo pelos distribuidores da época, interessados em lucrar com o ânimo instável das crianças. Hoje sei bem o que é isto.

Com um pouco mais de idade, talvez com doze ou treze anos, passei a frequentar os cinemas sozinho ou com os amigos, sempre aos finais de semana. Aí vi muita coisa, das quais tenho algumas lembranças também fugidias, o que julgo ser reflexo da baixa qualidade do que assisti, ou da memória que vai se esvaindo...

Os filmes de verdade descobri quando finalmente compramos um videocassete G9, “importado” do Paraguai, mas aí é uma outra história.

Ver jogos de futebol também era uma opção para espantar a lentidão do tempo, no antigo campo do América, que mais parecia um alçapão íngreme e desconfortável; onde frequentemente voavam saquinhos de cerveja e urina por sobre as nossas cabeças, a depender do desempenho do time e do ânimo de seus torcedores. Este estádio não existe mais, assim como o próprio time antes altivo, com seu uniforme cor de sangue, que parece ter sucumbido definitivamente ao profissionalismo que supostamente se implantou no esporte. Acho que meu pai, no fundo, não era um grande fã das arquibancadas, nem dos saquinhos pestilentos, porém nos levava sempre que possível.

Não éramos ricos, longe disso, mas tínhamos uma vida confortável, se comparada à luta diária da população, incluindo aí parte da família original que continuou no Rio Grande do Sul, entregue às crises econômicas que afligiam os ativos gaúchos. Nós, por outro lado, vivemos naqueles anos a tão apregoada pujança paulista - lembro do otimismo trazido pela eleição de Franco Montoro ao governo do estado -, aliada à conhecida ascensão das classes médias resultantes dos investimentos da ditadura neste grupo, que sem dúvida retribuíram tal sorte com apoio incontestado, pelo menos durante certo tempo.

Sim, frequentávamos o Jumbo Eletro, loja que tínhamos em conta como *chic*, acho que devido ao ar-condicionado, coisa muito importante em uma região que no verão queima como a caldeira de uma siderúrgica; porém, comprávamos somente o necessário, sem desperdícios ou exageros.

Inexistia a pressão por consumo dos tempos atuais, e presentes eram ganhos somente no Natal. Depois chegou a Riachuelo, construída nos escombros da elegante sede do Banco do Brasil, posta abaixo sem piedade, para dar lugar à arquitetura horrenda da loja de departamentos, onde creio ter andado pela primeira vez de escada rolante, maravilha dos tempos modernos naquele interior que se pensava muito “avançado”, na qual me esbaldava, junto de meu irmão do meio, que apelidei carinhosamente de “Binho”, subindo e descendo inúmeras vezes, sempre com receio de ser sugado pelos terríveis degraus metálicos, até a repreensão da segurança ou da mãe. Era incrível como nos contentávamos com tão pouco.

Naquela Rio Preto da década de 1980 não existiam *shopping centers*, ou qualquer coisa que se assemelhasse aos atuais centros varejistas, com suas luzes artificiais e música ambiente, e muitas das compras eram realizadas mesmo em supermercados - incluindo aí roupas e sapatos mais simples -, ou no “centro”, que chamávamos também de “cidade”, invariavelmente aos sábados.

Aos domingos, tudo ficava fechado, menos as sorveterias, que serviam porções fartas e baratas, para a felicidade geral da nação. Nada das sensibilibidades comedidas dos sabores gourmet, perfumados pelo aroma delicado e mais raro. Longe disso, no interior da minha infância tudo era pantagruélico; a minha receita preferida era a estupenda “vacapreta”, composta por quantidades absurdas de sorvete servido em uma taça alta, capaz de receber todo o conteúdo de uma garrafa de Coca-Cola sem desperdiçar uma só gota. A mistura entre esses dois elementos causava uma efervescência alquímica mágica, com deliciosas bolhas escuras, talvez até inflamáveis, explosivas! Acho que se tentasse tal

experiência hoje teria certamente uma crise glicêmica. Bons tempos de excessos sem culpa.

Penso também como a cidade era pacata aos domingos, com pouquíssimos carros nas ruas, e ainda posso ouvir os ecos dos sinos das várias igrejas reverberando ao final do dia, como uma sinfonia sem maestro, rompendo a vastidão do crepúsculo, anunciando que se aproximava a hora do jantar, acompanhada pela trilha de abertura do *Fantástico*.

Definido brevemente este lugar que minha pequena família ocupava, posso agora falar da escola. Fiz toda a minha formação em instituições particulares, e ainda me pergunto como o pai, sem ensino superior, conseguiu pagar mensalidades nada baratas para seus três filhos. Sem dúvida foi obra das circunstâncias econômicas e políticas singulares vividas no Brasil, quando os cursos técnicos eram valorizados e muito bem remunerados, especialmente nas áreas de infraestrutura, onde ele atuava, que foram a cereja do bolo aerado oferecido de forma desigual pelo regime militar que se impôs em abril de 1964. Ainda assim, não deve ter sido fácil para Jaldo e Cleusa - e sei que de fato não foi -, do ponto de vista financeiro, e hoje rendo toda a minha gratidão por esta escolha; investir na educação dos filhos. Retribuo tentando fazer o mesmo pelos meus.

A primeira escola que frequentei se chamava, e ainda mantém o mesmo nome, Santo Antônio, que junto à São José formaram a toponímia santa da minha educação. Nesta passei todo o período de ensino fundamental e médio. Naquela, aprendi as primeiras letras.

O colégio Santo Antônio era administrado por freiras, que andavam em passos lentos pelos corredores⁷. Confesso que tinha certo medo delas, não sei bem o porquê. Em minha memória nunca as vejo sorrindo, e são sempre silenciosas.

O método de alfabetização era o *Montessoriano*, e até pouco tempo atrás lembro de ainda manipular o meu “tapetinho”, guardado com carinho por minha mãe. No mais, me recordo das festas juninas e de como eu era absolutamente desastrado, característica que mantenho, e na verdade se aprofundou com a passagem dos anos, além da miopia

⁷ O Colégio Santo Antônio, surpreendentemente, não possui um site oficial, apesar de sua longa história; somente uma conta no instagram: <https://www.instagram.com/colegiosantoantoniorp/>

crônica. Derrubava cadeiras, tropeçava em mim mesmo, e uma vez levei ao chão um enorme balde de água, onde deveríamos limpar os nossos pincéis, espalhando água colorida por todo o assoalho. Se não me engano, acabei na diretoria.

Também aí, no colégio Santo Antônio, fiz minha estreia no teatro infantil, como um cavalo meio desajeitado. Minha função era simular o cavalgar do animal com duas cascas de coco seco, que deixei cair durante a peça, me impedindo de fazer a sonoplastia necessária à cena. Lamentável.

Já a ligação com o colégio São José foi mais duradoura e definitiva. Até hoje uso esta experiência como parâmetro para quase tudo o que se refere ao ambiente escolar, o que por vezes é um problema. Lá estudei todo o ensino fundamental, até o último ano do ensino médio, passando ao todo onze anos de minha vida ao redor de seus muros.

Fundado em 1947, o colégio São José é, segundo as palavras utilizadas pela própria instituição, um “colégio confessional Católico Apostólico Romano e pertencente à Ordem de Santo Agostinho”⁸. Não me esqueço da parede de azulejos azuis que havia, não sei se ainda está lá, e que nos recebia todos os dias, antes do início das aulas, onde eu lia a frase que salvou o contumaz pecador de Tagaste, *Tolle lege, tolle lege*, e que também inspirou, em termos mais radicais, o reformista Martinho Lutero⁹.

Enfim, era uma escola administrada por religiosos, que no caso vinham majoritariamente da Espanha, não sei bem de qual região, mas que traziam nomes inconfundíveis: Jesus, e foram vários homônimos do *Khristós*, além de Alberto, Luiz Miguel, Pelayo, Carlos...

Me habituei desde cedo ao acento espanhol, que muitos padres mantinham intocável, mesmo tendo passado tantos anos ao nosso lado, cercados pelos inconfundíveis “erres” interioranos. Sotaque “cantado” que lembrava o do meu avô uruguaio, e percebia mesmo que nossos superiores adoravam falar o meu sobrenome, alongando propositalmente as sílabas, Lapuuuennnte, fato que me enchia tanto de orgulho quanto de embaraço juvenil.

Antes, um detalhe interessante sobre a vivência econômico-social naquele interior paulista. O colégio São José era uma das três instituições mais tradicionais da cidade,

⁸ Informações sobre o colégio São José podem ser acessadas em: <https://www.csj.g12.br/>

⁹ A formação religiosa era parte integrante do currículo da escola, quando pude decorar, com base em repetições exaustivas dos livros de catecismo, boa parte das orações católicas, sob o jugo do severo padre Isaías; espanhol rechonchudo e mal-humorado, ele detestava os espíritas, era um exímio puxador de orelhas, e castigava os desafortunados alunos que se atrasavam na volta do recreio deixando-os de pé, “cheirando a parede”, para o escárnio dos mais pontuais, que caçoavam daquela fila de meninos com seus narizes encostados nas frias lajotas.

atraindo, portanto, as famílias de maior poder aquisitivo. Entretanto, não havia, naquele momento, esta verdadeira “gentrificação” da rede privada tal qual a encontramos hoje, com escolas praticamente divididas por nichos econômicos, atentas ao poder aquisitivo dos pagantes, criando escolas compartimentadas, algumas massificadas, outras “exclusivas”, escalonando as mensalidades e os serviços oferecidos de acordo com as expectativas dos clientes.

Muito diferente disso, não me recordo de uma colega “riquíssimo”, pelo menos não nos termos atuais. Éramos, no geral, filhos de comerciantes, de funcionários com nível médio, pequenos proprietários rurais, advogados, os profissionais da saúde (principalmente médicos e dentistas), além de outros extratos da classe média. Morávamos em bairros bem semelhantes - não existiam condomínios fechados -, andávamos de ônibus e contávamos os trocados para ir ao cinema ou comprar um salgado no intervalo das aulas. Viajar ao exterior era uma coisa excepcionalíssima, para não dizer impossível. Ninguém, da minha turma, tinha esta experiência; no geral, nem São Paulo conhecíamos. O Rio de Janeiro, então, somente pelas novelas. Férias *chics* eram no Guarujá, Bertioga ou Peruíbe, lugares que nunca visitei, porque o sul era a Meca da família. Disneylândia, o sonho da juventude americanizada, somente na imaginação. Viajar de avião era uma experiência rara; o que fazíamos era “passear” no aeroporto, para ver os aviões decolarem.

Enfim, tínhamos, é claro, uma experiência privilegiada em relação à vida dos mais pobres, mas penso que as diferenças econômicas entre nós pareciam bem menos gritantes e vergonhosas, sem falar que havia um elemento aglutinador - a rua -, que na minha infância e juventude era onde nossa vida se desenrolava, em complemento da família e da escola. Nela batíamos e apanhávamos, e aprendíamos a experiência urbana por bem ou por mal.

Refletindo em retrospectiva, função essencial de um memorial, era como se vivêssemos, quando comparo com os dias de hoje, em um outro país, tamanha a diferença, reverberando um dos ditames mais conhecidos da antropologia histórica.

Foram três as fases da minha formação, comuns à grande maioria dos jovens brasileiros com maior poder aquisitivo que passaram pelo sistema escolar formal. A primeira no ensino pré-escolar e infantil, seguida pelos anos de ensino fundamental, até a antiga oitava série, atualmente chamada de nono ano, e por fim o ensino médio. Para deixar este memorial mais objetivo, vou me concentrar tão somente nesta última etapa,

não porque ela seja mais importante, mas tão somente por entender que aí vislumbro alguns eventos marcantes que ajudaram a definir minha escolha profissional.

Entre os 15 e 18 anos vivi um verdadeiro despertar para as artes, especialmente pelo teatro, de consumo mais raro, e pela literatura, bem mais acessível, que absorvia de forma desordenada e intuitiva. Antes disso, a leitura já estava presente no meu cotidiano, ao lado do futebol, da natação e das ilusões juvenis. Minha mãe estava sempre com um livro em mãos, que lia   noite, antes de dormir, e meu pai sempre dizia sim aos livros, comprados tanto em livrarias quanto em catálogos, modelo de venda direta muito comum na época. Lembro especialmente dos catálogos da Ediouro, que recebíamos pelo correio, e eu e meu irmão tínhamos o direito de escolher dois livros. Ainda preservo um título curioso desses tempos: “Ufos: Ilusão Ou Realidade?”. Os anos 1980 foram realmente estranhos...ou seria eu?

Uma vizinha nossa, Iara, também professora de língua portuguesa, era proprietária de uma livraria na cidade, chamada *Espaço* – que existe até hoje -, e aí tive contato pela primeira vez, creio que com doze ou treze anos, com uma escritora de verdade, e fiquei fascinado¹⁰. Era Stella Carr, autora de *Pedrinho Esqueleto*, que me dedicou um autógrafo. A partir da , vivi uma verdadeira obsessão pelos livros, que perdura até hoje. Neste caminho como leitor, devo muito às minhas professoras de língua portuguesa e literatura, Maria Lúcia e S lvia. Elas, acima de tudo, amavam o que ensinavam, e isto faz toda a diferença para um aluno.

Além da literatura, me cercava de música, frequentando lojas de discos, e não posso desprezar a importância das rádios locais, que obviamente reverberavam as modas vindas de São Paulo e Rio de Janeiro, naquela época dominadas pela emergência do chamado “rock nacional”. Ademais, não posso me esquecer da música sertaneja massificada, que vimos surgir como um importante fen meno midiático praticamente em nosso quintal, no início dos anos de 1990. No meu caso, achava-a desinteressante, mas devo admitir que aqueles cantores de vozes agudas, destemidos no uso do falsete, se

¹⁰ A livraria mant m uma página oficial: <https://www.livrariaespaco.com.br/>

incorporaram quase de imediato ao cotidiano de nossas paisagens sonoras, insinuando-se cada vez mais nas casas de show que frequentávamos, substituindo a chamada MPB, até então preponderante.

Entretanto, a curiosidade inicial rapidamente se desfez, e o que restou para mim foi a decepção com o abandono sistemático da tradição e da memória caipira; de lá para cá, quase todos trocaram a viola, um instrumento de ressonância, difícil e manhoso, pelo violão elétrico, e mais recentemente pela guitarra, para acompanhar as fórmulas melódicas repetitivas, repletas de rimas pobres, que viraram a trilha oficial dos delírios estadunidenses do agronegócio brasileiro. Hoje, quando quero “ouvir” a minha Rio Preto de outrora, ouço Tião Carreiro e Pardinho, e me reconheço¹¹.

A cidade também possuía um movimento teatral importante - este sim, um verdadeiro e permanente alento -, que me marcou profundamente, capitaneado por um festival, antes chamado de “amador”, que existe desde a década de 1970, e que hoje se modernizou, alcançado status de evento internacional¹². Nestes momentos a cidade respirava outros ares, bem mais cosmopolitas, com atores, atrizes, diretores e peças de todo o Brasil, que acompanhava maravilhado.

Foi então que conheci as obras de José Celso Martinez Correia, Mário Bortolotto, Aderbal Freire Filho, Gerald Thomas, pude ver Paulo Autran, cuja interpretação do conto *Meu Tio o Iauaretê* me deixou alucinado, entre outras preciosidades. Além deles, estavam nesse ambiente os artistas da cidade, como o cenógrafo José Carlos Serroni, a escritora Dinorath do Valle e o ator Humberto Sinibaldi Neto, este um dos precursores do festival, além da Companhia Teatral Azul Celeste, fundada por Jorge Vermelho e Cássio Ibrahim. E mais importante, tudo isso ali, ao nosso alcance. Foi incrível.

Com essas experiências marcadas pela descontinuidade, alternando momentos especialmente agitados com a modorra cotidiana, limitadas pelo fato de estarmos em uma cidade do interior, que permitia certas vivências, mas que obviamente ficavam aquém daquilo que acontecia na capital, eu e meus interlocutores, que não eram muitos, íamos

¹¹ Fica aqui o link para ouvir uma das minhas preferidas, “Rio Preto de luto”, composta, segundo as principais referências pesquisadas, por Joaquim Moreira e Benedito Francisco Alves: <https://www.youtube.com/watch?v=AlwOXZcAwfA> ; além dela, deixo também a música “Viola Vermelha”, escrita pelo próprio Tião Carreiro e Jesus Belmiro, que traz um dos mais lindos momentos da viola caipira: <https://www.youtube.com/watch?v=590zV1LAyiY>

¹² Para informações sobre a mais recente etapa do festival, ocorrida em 2024, acessar: <https://www.sescsp.org.br/editorial/fit-rio-preto-chega-aos-55-anos-reverenciando-a-memoria-e-a-ancestralidade-como-elementos-de-construcao-do-futuro/>

criando e consumindo cultura como podíamos, manipulando o barro disponível com as próprias mãos.

Além disso, devo apontar também a importância das videolocadoras naquele contexto. Felizmente tínhamos ótimas opções na cidade. Em uma delas, um cinéfilo chamado Edgard, sujeito esguio e relaxado, que lembrava o personagem Salsicha do desenho Scooby-Doo, era conhecedor profundo do cinema, dos norte-americanos aos europeus; ele me indicou pela primeira vez autores como Fellini, Almodóvar, Hitchcock, Fritz Lang, Woody Allen, Wim Wenders, e um dos meus preferidos de todos os tempos: Mario Monicelli. Engraçado pensar como estes filmes de diretores tão renomados estavam disponíveis nas prateleiras de uma locadora do interior, acessível às nossas mãos adolescentes, sendo que hoje são tão difíceis de conseguir, dependentes que estamos das plataformas de *streaming*, que nos alimentam com o capim magro servido pelos algoritmos.

Desse conjunto de leituras, filmes e peças que me formaram, aliados aos conteúdos escolares, ministrados por professores que julgo dedicados, não consigo criar uma lista ordenada, muito menos apontar a importância deles, de forma individual, para a minha formação. Tudo ficou muito misturado em minha cabeça, e excertos desses elementos diversos vem e vão em minha mente, sem nenhum controle, seguindo um fluxo desordenado. Mas posso indicar pelo menos uma dessas referências, do campo literário, que descobri nestes anos de juventude, e que me acompanha até hoje: José Saramago. Li praticamente todos os livros que escreveu, e estava terminando “Caim”, já ministrando aulas na UFU, quando ele morreu, em 2010. Senti muito sua partida, como se houvesse perdido um amigo.

Claro que este ambiente cultural, construído a duras penas, e mesmo assim limitado e fragmentário, influenciaria definitivamente a minha decisão de cursar história, uma área do saber que circulava dentro desse campo que me seduzia. Pelo menos era assim que eu enxergava a disciplina, como um lugar de intersecção de todas as humanidades. Mas essa vivência, que percebo ter surgido especialmente de um desejo individual, não foi a única a explicar a minha escolha certamente estranha, frente aos

futuros advogados, médicos, engenheiros, dentistas, economistas e psicólogos que surgiriam entre os meus colegas de turma.

Um outro fator, sem dúvida nenhuma tão importante quanto, foi o contexto político que cercava os jovens naquele distante ano de 1992, quando estávamos exatamente no último ano do ensino médio, e a questão da carreira universitária se tornou urgente entre nós, todos filhos da classe média, majoritariamente estudantes brancos privilegiados, que podiam se dedicar tão somente às atividades acadêmicas e aos esportes, sem as preocupações do mundo do trabalho, e cujo caminho para o ensino superior parecia ser o natural, ou mesmo uma obrigação, sendo aguardado ansiosamente não somente pelas nossas famílias, como também pela própria instituição escolar na qual estávamos inseridos.

O ano de 1992 foi marcado pelas passeatas contra o presidente Fernando Collor, que mais tarde seria alvo de um processo de *impeachment*. Em São José do Rio Preto, assim como em diversas outras cidades médias e grandes do Brasil, jovens fizeram sua estreia neste tipo de manifestação, dialogando sem dúvida com as mídias, especialmente a televisão e os jornais impressos, tomados pelo chamado “escândalo Collor” - apesar do apoio irrestrito que ofereceram menos de dois anos antes -, gritando palavras de ordem com seus rostos pintados, e eu era um deles, perdido na multidão, apesar de ter certeza de que não pintei meu rosto.

A bandeira pelo qual lutávamos era genérica, tendo o mote “contra a corrupção” como guia, e hoje sabemos o quanto este tipo de reivindicação pode pender tanto para a direita quanto para a esquerda.

Entretanto, naquele momento, ao menos, havia um forte sentimento progressista. A recente derrota de Lula e a ascensão de nomes notoriamente de esquerda, como Aloízio Mercadante, José Genuíno e José Dirceu, mas também do que poderíamos hoje chamar com certo receio de centro, na falta de melhor definição, egressos do antigo MDB e do novíssimo PSDB, como Fernando Henrique Cardoso, José Serra e Mário Covas, criaram em nós uma espécie de sentimento de “vingança”, muito mais do que de “renovação”, por meio desses políticos para os quais foram direcionadas as nossas exíguas apostas.

Portanto, posso explicar a minha escolha pelo curso de história também por esse ambiente geral de politização, que me levava a uma curiosidade pelo passado muito maior do que aquela que me era fornecida pelo currículo comum. Esperava, com esta decisão, por certo ainda sujeita a certas vacilações - vez ou outra ainda me vinham sonhos com o jornalismo, e também com a arquitetura -, encontrar aí algum tipo de resposta e, se tudo

desse certo, um salário digno como professor, sobre os problemas que nos afligiam, anteriores até ao movimento “cara-pintada”, mas próximos ainda o suficiente para despertar as piores lembranças. Tempos de Figueiredo e José Sarney, de inflação galopante e planos econômicos fracassados, de muita pobreza e desencanto.

Vi de perto, ao lado de meus pais, os supermercados de prateleiras vazias - minha mãe congelava leite em nosso freezer, quando conseguia comprá-lo -, os fiscais do Sarney, o Plano Bresser, Plano Verão...e a tensão na testa de meu pai ao saber que acabara de perder a sua pequena poupança, com a qual contava para cobrir as despesas urgentes da família, naquele tenebroso abril de 1990, durante a liderança claudicante da ministra de dentes separados e sorriso amarelo, Zélia Cardoso de Mello. Tempos duríssimos, que não seriam facilmente superados, mesmo com o impeachment de Fernando Collor de Mello.

E foi assim, fruto desse contexto geral, inserido em uma realidade local, que se criou um jovem postulante a “historiador”, que não tinha a menor ideia do que essa expressão significava, além do nome que se dava para alguém que lecionava história.

Sobre minha inusitada escolha, meus pais silenciaram. Creio que acharam interessante. Liberais que eram, não se intrometeram. Por outro lado, os dois tinham um respeito enorme pela escola e pelos professores, portanto não deve ter sido difícil para eles acreditar que seu filho mais velho se tornaria um deles.

Ao final de 1992, ao preencher os formulários da Vunesp, ao lado de meus amigos, igualmente ansiosos, copiei o código referente ao curso de licenciatura em história, oferecido na cidade de Assis. Por que Assis e não Franca?

Para ser sincero, não faço a mínima ideia.

Porém, feita a escolha, com minha terrível letra de forma - no outro dia enfrentaríamos filas intermináveis para o pagamento da taxa no Banespa -, só me restaria dizer aos amigos, e gostaria mesmo de ter dito, as famosas palavras de Júlio Cesar: *Alea jacta est*, demonstrando uma presença de espírito típica de um jovem talentoso e predestinado. Mas terminamos nossa tarefa e fomos mesmo comer pastel com Coca-Cola que a mãe do nosso amigo Marquinhos havia preparado, antes de voltarmos para nossas casas de bicicleta.

2.2. Ensino Superior

A primeira imagem que se oferecia ao visitante do saguão principal da Faculdade de Ciências e Letras de Assis era uma reprodução, emoldurada em grande formato, de um instante fotográfico realizado durante uma invasão da polícia militar paulista ao campus, no ocaso da ditadura. Nela se via um jovem correndo de um soldado armado de cassetete, em meio a outros estudantes em pavorosa correria. Este foi o cartão de visitas oferecido pela instituição onde passaria os meus primeiros quatro anos de formação, após ingressar em 1993; e fiquei maravilhado.

Atrás do prédio principal ficava o bloco onde aconteciam nossas aulas, abrigando também a maravilhosa biblioteca, meu lugar preferido. Tudo isso rodeado por um incrível bosque, que oferecia a todo o campus um ar de reserva florestal, impressão fortalecia pelas enormes janelas de vidro das salas, tornando as imensas árvores praticamente nossas colegas de turma. Acho que ainda poderia facilmente reconhecer algumas delas.

O curso de história que encontramos naquele março de 1993 pode ser considerado, à luz das demandas atuais, bastante tradicional, sem muito espaço para experimentações curriculares. Conteúdos de Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, subdivididos entre I e II, e as disciplinas de Brasil, da Colônia à República, também numeradas entre I e III. Uma outra característica singular, hoje praticamente inexistente: o curso era anual, que nos exigia, muitas vezes, um exercício extremo de paciência, o que sem dúvida valia também para os professores. Mesmas as chamadas disciplinas optativas eram continuidades das básicas. Havia também Antropologia, Economia, Geografia e, acreditem ou não, Educação Física - sem dúvida um fóssil da época militar (exercício para a juventude comunista!) -, que apesar da minha boa vontade, frequentei surpreendido e resignado.

Afora o cotidiano das disciplinas, algumas mais interessantes, para mim, do que outras, como é natural em qualquer curso superior, o que me pareceu uma vivência rica e estimulante foi a variedade de atividades acadêmicas disponíveis, oferecidas não somente pelo curso de História, como também pelo de Letras.

E o primeiro evento do qual participei, logo em minhas primeiras semanas de calouro no curso, foi uma fala de José Celso Martinez Corrêa, irmão da prof^a Anna Maria Martinez Corrêa, docente da casa, e que à época já se dedicava ao CEDEM da Unesp. Não me lembro do tema abordado pelo dramaturgo, mas sim da festa que se formou antes,

durante e depois do encontro, que me remeteram aos festivais de teatro que frequentava em Rio Preto, onde já havia visto peças do grupo Oficina.

Uma outra roda de conversas que acompanhei foi a do psiquiatra e escritor libertário Roberto Freire, cujos romances “Cleo e Daniel” e “Coiote” eu já havia lido com entusiasmo. Foi uma fala inspiradora, sobre amor e liberdade, que assisti ao lado de uma colega de curso, que logo se tornaria amiga, mais tarde namorada, e finalmente esposa, chamada Raquel Discini de Campos. Desde nosso primeiro encontro em Assis - ela vindo da cidade de São Paulo, para cursar também história -, Raquel se tornou parte integrante de mim, e ela voltará, de forma inevitável, diversas vezes a este memorial; tantas que será sempre referenciada, a partir de agora, somente pelo seu primeiro nome: Raquel.

E não foram somente escritores, mas também historiadores e professores universitários de várias áreas que tivemos a oportunidade de ouvir e interagir, sem dúvida a partir dos esforços do nosso departamento, que deve ter se utilizado de seus contatos e muito poder de convencimento para atrair tantos pesquisadores até uma cidade sem tradição turística, que não contava com aeroporto, distante quase quinhentos quilômetros de São Paulo, e que obrigava os convidados a enfrentar, no mínimo, uma hora de ônibus, por uma estrada movimentada e sinuosa, a partir de Marília, cidade mais próxima que recebia voos diretos da capital. Peter Burke, Roberto Romano, Fernando Novais, Renato Ortiz, John Manuel Monteiro e Emília Viotti da Costa são alguns entre tantos que por lá passaram, nos servindo de inspiração e diversificando as nossas referências.

A fala de um professor em especial, que também não pertencia ao núcleo docente local, me marcou muito, por motivos que não estavam ligados diretamente ao ofício de historiador. Seu nome era Wilcon Joia Pereira, então docente da Unesp no campus de Araraquara, filósofo que estudou durante um tempo com Claude Lévi-Strauss, e autor de uma obra poética inserida no movimento concretista de São Paulo.

Não sei ao certo quem o trouxe até Assis, viagem que penso ter acontecido entre 1993 e 1994, mas me recordo de uma conferência especialmente inspirada, oferecida no anfiteatro Antônio Merisse - local onde no futuro ocorreria minha defesa de doutorado -, sobre o modernismo brasileiro. Fiquei muito interessado em seus livros, com os quais entrei em contato naquele mesmo momento, e após o fim do evento conversamos animadamente sobre literatura¹³. Ele foi extremamente cordial e generoso, e conhecer alguém que transitava entre esses dois mundos - o acadêmico e o artístico -, fortaleceu a

¹³ Ainda guardo um deles, adquirido pouco depois desse encontro: PEREIRA, Wilcon Joia. *Escritema e Figuralidade*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis/HUCITEC. 1976.

minha percepção de que havia feito a escolha certa em relação ao curso, e que talvez, em algum momento, eu também pudesse seguir o mesmo caminho.

Alguns anos depois, por pura coincidência, fui colega de seu filho durante o mestrado, quando recebi, dele próprio, a notícia da morte recente de seu pai, por complicações causadas pelo diabetes, que senti com surpresa e pesar¹⁴.

Em relação à historiografia na qual nos inserimos, fomos marcados naqueles anos pelo ecletismo. Acho curioso quando a “nova direita” nacional, que tem demonstrado uma total ignorância em vários assuntos, se volta contra as universidades, mirando com fúria principalmente os cursos de ciências humanas, vistos como uma célula de fervorosos comunistas à serviço sabe-se lá de quem.

Nos meus anos de graduação em história, vividos entre 1993 e 1996, líamos de tudo. Dos brasileiros, era o momento de diálogo intenso com a chamada “história cultural”, com autores nacionais publicando trabalhos que marcariam uma época: Nicolau Sevcenko, Roberto Ventura, Flora Sussekind, Lilia Moritz Schwarcz, José Murilo de Carvalho, Mary Del Priore, Laura de Mello e Souza, Sérgio Miceli, mas também obras de intelectuais de gerações anteriores, como Boris Fausto, Roberto Schwarz, Paulo Freire, Maurício Tragtenberg, Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Fernando Novais, Alfredo Bosi, Emília Viotti da Costa e Alice Piffer Canabrava. Dos estrangeiros, o que mais me chamou atenção, desde o início, foi Jacques Le Goff, cuja leitura era das que mais me agradava, e que parecia mesmo, ao meu juízo, a representação maior de um historiador completo; a perfeita união entre rigor metodológico, erudição em benefício do objeto e refinamento narrativo sem pedantismo.

Também lidávamos constantemente com outras referências incontornáveis, bases fundamentais de um bom curso de ciências humanas, tais como Philippe Ariès, Paul Ricoeur, Michel Foucault, Roland Barthes, Pierre Grimal, Eric Hobsbawm, Pierre Bourdieu, Carlo Ginzburg, Walter Benjamin, Peter Burke, Hayden V. White, Roger Chartier, Guy Debord, Norbert Elias, Marc Bloch, Marshall Berman, Jean Baudrillard,

¹⁴ Cursamos juntos uma disciplina ministrada por Antonio Celso Ferreira na Unesp de São José do Rio Preto, com a qual consegui completar meus créditos no programa de Pós-graduação.

Pierre Monbeig, Hannah Arendt, Antonio Gramsci, Claude Lévi-Strauss e, também, é claro, o monumental Karl Marx. E não posso me esquecer dos brasilianistas: Richard Morse, Joseph Love, Thomas Skidmore, Stuart B. Schwartz e Warren Dean, que circulavam em algumas bibliografias oferecidas durante toda a graduação, e que hoje parecem ter pouco apelo entre os estudantes.

Não resta dúvida de que esta é uma lista incompleta e parcial, direcionada especialmente pelos meus interesses - faltam, por exemplo, mais autores da área de educação -, mas pode demonstrar o quanto estávamos inseridos em um contexto de grande variedade de leituras, facilitada também pela maior oferta de traduções realizadas pelas editoras brasileiras na década de 1990, especialmente pela Cia das Letras, que chegara há pouco ao mercado, e que nos ofereceu títulos preciosos.

Neste período, contando sempre com a generosidade familiar, podia comprar os livros principais, que me são úteis até hoje. Vivíamos, portanto, em um espaço marcado pela pluralidade, sem dogmatismos por parte dos docentes; eu, sempre muito curioso de tudo, me beneficieei dessa realidade.

Dos professores pelos quais eu e minha turma passamos, posso indicar os que mais me aproximei, não somente pelas questões acadêmicas, como também por afinidades pessoais: Áureo Busetto, Frederico Alexandre de Moraes Hecker, José Luis Bendicho Beired, Marcus Vinicius da Cunha e Tania Regina de Luca foram, e continuam sendo, referências importantes, e continuo acompanhando suas carreiras com admiração, apesar da distância. Um outro pesquisador de Assis, que infelizmente à época de minha graduação ainda não fazia parte do corpo docente, é Paulo Henrique Martinez, com quem construí uma relação de amizade e parceria acadêmica, a partir do nosso interesse mútuo na história ambiental.

Além desses, Antonio Celso Ferreira teve um papel fundamental em minha formação. Ele me inseriu, com um gesto de confiança, em seu projeto de pesquisa para livre docência, que mais tarde daria origem ao livro *Epopéia Bandeirante*¹⁵. Conseguimos desdobrar este projeto em uma outra direção, mais apropriada às possibilidades de um aluno de graduação, que resultou em uma bolsa de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que usufruí nos dois anos finais de minha graduação. Depois disso, ele continuaria como meu orientador de mestrado e doutorado, e nossa relação hoje é de profunda amizade, tendo acompanhado

¹⁵ FERREIRA, Antonio Celso. *Epopéia Bandeirante Letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

de perto também Raquel em sua jornada como professora e pesquisadora. Acabamos vizinhos em São José do Rio Preto, e mesmo após nossa mudança para Uberlândia, continuamos nos falando com frequência pelos cafés da vida. Meus filhos o chamam carinhosamente de “Tio” Antonio Celso.

Terminei minha graduação no tempo mínimo exigido, quatro anos. Neste período, estudei muito, conheci pessoas, aprendi a viver sozinho e ter saudades de casa, e cheguei ao final de 1996, com o futuro batendo em minha porta, convicto de duas coisas: queria trabalhar como professor de história e viabilizar a minha vida em comum com Raquel, sendo que a concretização deste último plano dependia daquele primeiro. Felizmente, tive sorte.

Fui chamado, depois de aprovado em um processo seletivo realizado em novembro de 1996, por uma escola em São José do Rio Preto, cidade para onde voltaria ao final de meu período em Assis. Portanto, consegui emprego antes mesmo de me formar, o que foi um enorme alívio, não somente para mim, ao ver as portas profissionais se abrirem, como também para os meus pais, ainda envolvidos com a criação de meus dois irmãos mais jovens.

O problema é que não sabia se estava realmente preparado para desafio tão imenso, especialmente quando pensava em meus futuros alunos, crianças praticamente recém-saídas do ensino infantil. O que me salvou, entretanto, foram a força juvenil, um dom natural para disfarçar a insegurança, a enorme vontade de andar pelas próprias pernas, e o desejo inequívoco de começar uma família com Raquel. Foi para ela que liguei, de um orelhão público, em fevereiro de 1997, para lhe informar o recebimento de meu primeiro salário como professor: 260 reais. Fiquei orgulhoso. Ela também.

E foi dessa forma que me lancei no mundo como docente: com obstinação, um *All Star* nos pés e espinhas no rosto.

Trajetória Profissional

3.1. Vida de Professor

Após terminar a graduação na Unesp/Assis, em janeiro de 1997, fui contratado pela Cooperativa Regional de Educação e Cultura Albert Sabin, mais conhecida como COOPEC¹⁶; e agora, pensando em retrospecto, não poderia ter tido melhor sorte.

O projeto da escola era diferente em relação às demais instituições particulares de São José do Rio Preto. Nasceu como uma cooperativa de pais, tendo como modelo os colégios de aplicação existentes em algumas universidades públicas. A escolha dos docentes seguia o padrão de bancas de seleção, e a remuneração era um pouco acima do mercado. Os materiais didáticos utilizados eram decididos pelos próprios professores, divididos por disciplinas, em conjunto com a coordenação, e se estimulava o desenvolvimento de projetos de ensino “transversais”, paralelos aos conteúdos tradicionais.

Uma outra característica especial da COOPEC, que nunca mais presenciei em outra escola, era a de termos, todas as segundas-feiras, no período noturno, um encontro pedagógico, pelo qual éramos remunerados. Neste dia, todos os professores, junto com as coordenações, se encontravam para conversar, trocar experiências e preparar conteúdos e atividades. Hoje vejo como este foi um momento raro de aprendizado, especialmente para mim, que ainda estava encontrando o meu lugar no ambiente escolar. Observar os meus colegas, o modo como falavam, como se vestiam, como se portavam institucionalmente, suas opiniões sobre os alunos e os projetos escolares que apresentavam me valeram como uma segunda faculdade. Tudo o que fiz depois disso, enquanto docente, surgiu dessa vivência.

Quando fui contratado, me aproximei com especial carinho da coordenadora Vera Nicoletti, professora de língua portuguesa, que havia enfrentado os horrores do regime militar - inclusive a tortura -, e que agora se dedicava plenamente à educação. Ela me ofereceu força e amizade, sendo uma referência importante nestes meus anos iniciais na docência. Além dela, Alberto, egresso do Colégio São José, que abdicou de suas funções sacerdotais e agora ocupava também um cargo de coordenação, me acompanhou com generosidade durante a sua breve permanência na escola. Me sentia genuinamente acolhido.

¹⁶ Mais informações sobre a escola podem ser acessadas em: <https://www.coopec.com.br/a-coopec/>

Inicialmente lecionei para os quintos e sextos anos, mas menos de dois meses depois, após a saída de uma das colegas, também historiadora, acabei aumentando minha carga horária com salas até o oitavo ano¹⁷, vivendo plenamente, a partir daí, o dia a dia do professor brasileiro.

Passado o primeiro maravilhamento, quando tudo era novidade e descoberta, logo a realidade se impôs. Apesar de sempre me sentir bem no ambiente escolar, uma coisa é a vida de aluno, outra é a do professor, e esta acomodação das expectativas não é nada fácil, e só se realiza com tempo e paciência.

Chego então à primeira descoberta de todo o professor em início de carreira: o cansaço. Enfrentar cinco ou seis aulas pela manhã, das 7:00 até 12:30, e depois o outro turno da tarde. Compreender o tamanho do esforço ao analisar o próprio corpo ao final do dia: a voz rouca, as pernas doendo, e a roupa cheia de giz. Uma vez em casa, preparar as aulas, corrigir provas, revisar os trabalhos e completar os diários de classe. No outro dia, estar novamente disposto, sorridente, atencioso, gentil, companheiro dos alunos, pronto para compreender as enormes faltas dos outros, crianças ou adolescentes, e estar preparado para as rodas gigantes emocionais deles, além da sua própria. Um dia tudo está bem; outro, tudo péssimo. Mal comportamento de alguns, dificuldades de aprendizagem de outros, desinteresse, apatia...e tudo isso renovado a cada dia, segunda, terça, quarta, quinta...e a sexta-feira, bendita sexta-feira!

Por sorte pude encontrar grandes parceiros nesse início, que me ajudaram a compreender, como professor, a realidade diária, por vezes frustrante, de uma escola. Não somente a coordenação, sempre atenciosa, devo reconhecer, mas principalmente meus colegas, parceiros de luta. E aí descobri, ou melhor, fui presenteado, com três amigos dos quais sinto imensa saudade.

Eram muito diferentes entre si, mas igualmente brilhantes. Padovez, Gavino e Isaías. O primeiro, professor de Educação Física, ex-jogador de futebol da Ferroviária Futebol Clube, de Araraquara. Amável, engraçado e um grande contador de histórias. Eu ficava fascinado com seus relatos sobre Pelé, que enfrentou em campo por mais de uma vez. Depois dele, Gavino, um “ex-padre” italiano, professor de filosofia, formado em Roma. Trocávamos receitas de macarrão - ele me ensinou o passo a passo da receita de um maravilhoso espaguete à “putanesca”, caprichando nos detalhes da história por detrás dessa iguaria dos pobres genoveses -, impressões sobre a vida e a morte além de

¹⁷ Uso aqui na nomenclatura antiga, lembrando que atualmente deve ser acrescentado um ano a mais à esta numeração; portanto, a antiga quinta série é o atual sexto ano, e assim sucessivamente.

comentários sobre Federico Fellini, uma paixão mútua; ele sempre me dizendo, com seu forte e inconfundível sotaque: “veja os lençóis voando nos filmes de Fellini, *Martiello*. Ninguém filmou lençóis como Fellini, *Martiello*, deus existe, *Martiello!*”. Por fim, Isaías, talentosíssimo desenhista, professor de desenho geométrico, com seu mau humor engraçado e incurável. Brincávamos em uma sexta-feira especialmente cansativa: “Que bom seria ter um infarto agora para nos livrarmos dessas últimas aulas. Como seria ótimo...dois meses fora de sala de aula, no mínimo!”.

Juntos, nos intervalos, reclamávamos da nossa sina, dos salários, da coordenação, dos alunos, dos pais dos alunos, da bolacha maisena e do café frio que nos era oferecido, da distância para o próximo feriado ou das férias que nunca chegavam. Contávamos piadas, falávamos de futebol, da pousada que abriríamos na praia, de abandonar a profissão, porque ninguém aguentava mais...entretanto, quando tocava o sinal, lá estávamos nós, prontos para a labuta, fazendo o impossível e mais um pouco pelos nossos alunos, dando o melhor da nossa força e conhecimento. Foi um grande momento para mim a convivência com esses três grandes companheiros de jornada. Triste que Padovez e Gavino já se foram, mas Isaías nos redimiu, e hoje mora na praia, conforme sonhávamos em nossos devaneios de 15 minutos, nas tréguas entre as aulas.

O fato é que o tempo vai nos deixando mais maduros, com o “couro mais grosso”, e fui me sentindo cada vez mais confortável na condição do professor. Aos poucos consegui me equilibrar, encontrar o tom ideal, e seguir em frente. Raquel me ajudou demais, com seu olhar de esperança, compartilhando comigo as belezas e as agruras da profissão.

Assumi minha posição com responsabilidade, aprendendo com os erros, enfrentando meu ofício dia após dia, e reconhecendo as coisas boas, e lá estavam elas, bem na minha frente. As experiências bem-sucedidas, os pais que se colocavam ao nosso lado, o carinho recíproco entre professores e alunos, que não era algo raro, e a beleza de ver um ser humano se formar, lentamente, e poder fazer parte disso.

Um último comentário, na verdade quase uma anedota, sobre estes anos iniciais, e que dizem muito sobre esse período do Brasil e do mundo. Durante um intervalo mais alongado, não me recordo o motivo, um dos alunos, chamado Carlos, sentado no computador que haviam instalado na sala dos professores - então algo moderníssimo -, me chamou e disse: “Professor, venha ver uma coisa”. Ao chegar ao seu lado, ele apontou para a tela e me deu a grande notícia: “Veja, estamos conectados à internet”. Foi a primeira vez que naveguei na então chamada “rede mundial de computadores”. Confesso que não

achei grande coisa. Hoje, eu me pergunto, parafraseando um conhecido diálogo: “Seria possível que soubéssemos que era a Peste chegando?”.

Na COOPEC trabalhei exatos quatro anos, de 1997 a 2000, quando então me transferi para uma outra instituição privada, com um projeto pedagógico totalmente diferente. Era o Anglo Carlos Chagas Filho, grupo originalmente criado em Ribeirão Preto, então iniciando suas atividades em São José do Rio Preto¹⁸.

A escola começou de fato em 1999, e lá encontrei alguns colegas que eram também professores da COOPEC, incluindo aí meu amigo Isaías, de quem já falei. Em pouco tempo o Anglo se consolidou no concorrido mercado das escolas particulares da cidade, atraindo um número expressivo de alunos, que pagavam mensalidades nada baratas.

Me adaptei rapidamente às apostilas; as aulas eram numeradas, o que de certo modo facilitava a vida do professor, especialmente naquele contexto de uma jornada de trabalho pesada, chegando facilmente às 40 horas semanais. Certamente tínhamos menos margem para experimentações pedagógicas, mas já sabíamos o que deveria ser feito. Por outro lado, esse tipo de recurso didático também facilita o controle da coordenação sobre o que o professor está ministrando ou não, o que explica, em parte, a predileção atual de muitas escolas, inclusive públicas, pelo material apostilado. Um outro fator que influencia em tal escolha é sem dúvida o financeiro, uma vez que os livros didáticos costumam ser bem mais caros.

Ainda assim, tínhamos liberdade para dar aulas da forma que achássemos mais conveniente, desde que os alunos não reclamassem, os pais nos tolerassem, os vestibulandos fossem bem nos testes simulados e não enlouquecêssemos em sala. É uma espécie de servidão conceitual, sim, claro, mas jogo jogado; e o salário era ótimo.

A diretora do ensino fundamental, onde inicialmente comecei a trabalhar, Sr^a Heloísa, com quem desenvolvi uma relação verdadeira de respeito e amizade, era uma daquelas figuras que pareciam vir do século XIX. Muito dura e rigorosa, mas cheia de

¹⁸ A escola não existe mais em Rio Preto, mantendo suas atividades somente na cidade em que se originou. Mais informações sobre o grupo em: https://www.angloribeirao.com.br/ensino_medio/index.php

afeto, criou em torno de si a imagem daquelas antigas educadoras, que puxavam as orelhas dos alunos e também dos pais. Por sua supervisão passaram centenas de jovens. Quanto trabalho...quanta paciência...quanta escuta...meu respeito profundo por “Dona” Heloísa.

Mais tarde acabaria ampliando minha jornada no Anglo, assumindo turmas todas as manhãs, e também algumas tardes. Em uma conta rápida, cheguei a ter 8 classes de ensino fundamental, com mais de trinta alunos em cada sala. Eram muitas provas, trabalhos, conversas, giz e saliva. Mas foi também um grande aprendizado. A partir de determinado momento, creio que 2003 ou 2004, recebi turmas também no ensino médio, chegando até o curso pré-vestibular.

Depois de inúmeras aulas, finalmente consegui me adaptar às jornadas excessivas. Era isso ou adoecimento. Estava mais familiarizado com os conteúdos, sabia me proteger quando necessário, modular o tom de voz, preservar o melhor possível os meus momentos de descanso, circulando com mais desenvoltura nesse ambiente escolar, que posso chamar de “alta produtividade”. Me inseri perfeitamente na “correria”, que é a condição geral do professorado brasileiro, e certamente o fato de ainda não ter filhos, e contar com o olhar amoroso e cúmplice de Raquel, que também estava na luta diária em outras escolas, contribuiu para enfrentar a jornada estafante.

E foi exatamente na transição entre a COOPEC e o Anglo, no ano de 1999, que fui chamado para aquela que seria a terceira instituição na qual trabalhei formalmente, antes de ingressar na universidade pública como docente. Pensando bem, acho que este foi um dos anos em que mais ministrei aulas na minha vida, em três lugares distintos.

A instituição se chamava Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva, cidade que ficava a cerca de 60 Km de São José do Rio Preto, o que me obrigava a viajar de duas à três vezes por semana, sempre no período noturno¹⁹.

Era uma faculdade de médio porte, que cobrava mensalidades não tão caras, sendo administrada pela prefeitura, por meio de uma diretoria indicada pelo poder executivo. Os alunos locais se misturavam aos que vinham de várias cidades da região, fazendo o trajeto diário de ônibus; Pindorama, Catiguá, Santa Adélia, Tabapuã, Elisiário...puro suco de interior paulista.

¹⁹ O Instituto existe ainda hoje, mas o perfil dos cursos oferecidos mudou, em virtude das novas realidades do mercado. Mais informações podem ser acessadas no endereço: <https://www.fafica.br/>

As aulas eram ofertadas em um prédio antigo, com escadas infinitas, que ficava bem no centro da cidade, próximo da catedral, decorada com belíssimas pinturas do Benedito Calixto.

Aquele final da década de 1990 foi uma espécie de época de ouro para os mestrandos e doutorandos não bolsistas que, assim como eu, estavam batalhando no mercado de trabalho, especialmente no interior de São Paulo. Foi o exato momento da expansão do mercado das faculdades privadas no Brasil - que hoje enfrentam um movimento inverso -, impulsionadas durante o governo Fernando Henrique Cardoso pelo seu ministro da educação, o economista Paulo Renato Costa Souza. Havia uma abundância de ofertas de emprego nessas instituições - posso dizer que cansei de recusar trabalho nesse período -, e os salários eram bem maiores do que os praticados, no geral, nas escolas de ensino fundamental e médio.

Para se ter uma ideia, recebia em 1999 cerca de quarenta reais a hora aula, o que hoje já seria considerado um valor excelente, ante os cerca de vinte e seis reais pagos atualmente aos professores concursados por 24 horas semanais no estado de Minas Gerais. Além disso, era comum as faculdades oferecerem ajuda de custo para os gastos com combustível e até hotéis para nossa hospedagem. A valorização do trabalho era tanta que me lembro quando recebi todo satisfeito, ao final daquele ano, uma garrafa de vinho com um cartão de feliz natal, assinado pela própria diretora. Me senti importante. Sem dúvida, eram outros tempos.

Quem me contratou na Imes/Catanduva foi a prof^a Valderez Helena Gil Junqueira, então recém aposentada no departamento de Letras da Unesp de São José do Rio Preto, e que foi a responsável pela formatação do curso de Jornalismo que se iniciaria em breve, no qual eu ingressaria como docente já durante o seu primeiro ano de funcionamento, quando fomos apresentados à cidade em uma cerimônia no teatro municipal, com pompa e circunstância. Ela que se tornaria, também, uma grande parceira na vida.

E lá estava eu, terminando o primeiro ano do mestrado, com 25 anos, contratado para dar aulas em uma faculdade onde me sentia muito bem. Fiquei com medo, tive várias crises de insegurança, mas aceitei o desafio, e posso dizer que fui extremamente feliz nesta experiência. De lá sai somente quando ingressei no serviço público federal.

Pelo Imes formamos pessoas incríveis, muitas das quais continuam atuando com destaque em veículos espalhados por todo o Brasil. Também conheci colegas que se tornaram grandes amigos, aprendi sobre o jornalismo, me envolvi com a produção de impressos, fiquei familiarizado com estúdios de gravação, campanhas publicitárias,

edição e revisão de conteúdo midiático, enfim, realizei uma vontade que vinha lá da minha adolescência, de me inserir no instigante universo da comunicação.

O contraste entre dar aulas no ensino superior, e ao mesmo tempo no ensino fundamental e médio, também foi muito enriquecedor. Eram dois mundos diferentes, com exigências distintas, que me tornaram mais maleável e atento aos interesses dos alunos. A presença em cada um desses espaços me ajudava a relativizar o outro, e creio ter me tornando melhor professor depois que passei a dividir essas realidades.

Não posso me esquecer também que fui aprovado no concurso público para docente do estado de São Paulo. Deve ter sido por volta de 2000, 2001...Entretanto, envolvidos até o último fio de cabelo com as escolas particulares, e podendo mesmo escolher onde queríamos trabalhar, acabamos, eu e Raquel, desistindo de nossos cargos. Isto pode soar hoje como uma ação imprudente, ante as oscilações no mercado educacional, mas não me lembro de termos sofrido com esta decisão. Continuamos simplesmente em frente. A entrada no serviço público ficaria para depois, em outras circunstâncias.

Neste mesmo período, um outro fato merece ser mencionado nesta minha trajetória como docente da educação básica. Fui aprovado em um concurso muito difícil, e que prometia aos futuros ingressantes um contrato vantajoso, e até cobiçado: o do Sesi/SP. À época, tanto eu quanto Raquel ficamos muito bem classificados. Se não me engano, fiquei em terceiro lugar na lista geral. Portanto, eu tinha praticamente assegurada uma vaga de professor do sistema, que parecia ser robusto e remunerar bem os seus funcionários. Entretanto, esta história tem um final que já se tornou uma anedota familiar.

A segunda etapa do processo consistia em um teste psicológico; algo como responder uma série de perguntas, em forma de múltipla escolha, com problemas do tipo: “Se você estivesse atravessando uma rua, em um dia de sol quente, e uma pessoa lhe mandasse um beijo...”. Enfim, nada muito exaustivo. E não é que eu fui reprovado? Sim, senhoras e senhores, fui reprovado no teste psicológico do concurso do Sesi/SP. Os motivos? Desconheço. Mas ao contrário do que hoje é bastante comum - dar um caráter judicial à negativa -, achei curioso e segui meu caminho.

Ao lado dos empregos formais, devidamente registrados em minha carteira de trabalho, prestei serviços esporádicos em diversos cursos livres, cujos contratantes não sou nem capaz de lembrar o primeiro nome, sempre na região de São José do Rio Preto. Recebia pelas aulas em espécie, em um envelope lacrado, longe de olhares curiosos, ao final do período, como os mafiosos dos filmes que adorava. Mas como esses agentes

chegavam até mim? Sem dúvida havia conseguido construir uma ótima rede de relações. Um colega que era amigo de um conhecido que sabia de um curso, e que tinha ouvido falar de mim, e a coisa acontecia. Hoje chamam isso de *Network*. Termo meio ridículo.

Eram cursos preparatórios para concursos das mais variadas naturezas, que exigissem conteúdos na área de história. Provas para delegado da polícia civil, professor de ensino infantil do município, bombeiro, enfermagem, e até escrivão...e lá estava eu, trabalhando aos sábados e domingos, gesticulando e gastando saliva, meio enlouquecido, com os cabelos desgrehados e os óculos sujos de giz.

Foi com uma dessas atividades extras que conseguimos comprar o nosso primeiro telefone, à época - digo, Idade Média -, um artigo do luxo, como o ouro, a mirra e o incenso.

Com tamanho esforço, eu e Raquel conseguimos nos estruturar muito bem em Rio Preto, sendo reconhecidos socialmente como professores, fato que muito me orgulha. Ainda assim, mantínhamos uma imensa vontade de continuar estudando, e não perder os vínculos com a vida acadêmica. Porém, como fizemos isso, em meio às obrigações docentes? Nem eu mesmo sei direito.

Mas conseguimos, e tenho como provar.

3.2. Mestrado e Doutorado

Não ingressei de forma imediata no programa de mestrado, após me formar no final de 1996. Como disse anteriormente, fui ganhar a vida como professor, construir as condições para ter a minha própria casa, e receber Raquel, que estava em São Paulo. E posso dizer que deu tudo certo, quando ela finalmente se mudou para São José do Rio Preto em 1998, para morar em um apartamento de dois quartos alugado e parcialmente mobiliado, se tornando também, em muito pouco tempo, uma magnífica professora na cidade, infinitamente melhor e mais dedicada do que eu. Ela brilhava como a luz de uma supernova.

Porém, ao longo daquele meu primeiro ano de trabalho, pensei bem e resolvi encarar o desafio de tentar cursar o mestrado. Não porque achasse, ou mesmo sonhasse em entrar na universidade pública como professor. A minha geração aprendeu que isto era algo muito raro, realmente para poucos, entre os quais eu certamente não me incluía.

Os concursos não aconteciam com tanta frequência, e eu, especialmente, não tinha qualquer contato acadêmico relevante fora da Unesp em que me formei. Queria, sem motivações de ordem salarial - uma vez que o mestrado, ou mesmo o doutorado, pouco agregava aos nossos ganhos no ensino básico, ou mesmo nas instituições privadas de ensino superior -, conseguir reativar o vínculo com a vida universitária como aluno, e foi o que fiz. Raquel tomaria, quase ao mesmo tempo, a mesma decisão, e fomos companheiros e “comparsas” também nesta escolha, contando sempre com os *campi* da Unesp disponíveis ao nosso redor: ela foi bem mais destemida, e se aventurou por Araraquara, com coragem; eu voltei para a conhecida Assis, que já considerava como a minha casa.

Procurei novamente o prof. Antonio Celso Ferreira, que me recebeu de braços abertos, com calma e generosidade. Após prestar a prova de seleção de conteúdo historiográfico, e traduzir um trecho em inglês do historiador Charles Ralph Boxer, acabei por ingressar no programa de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, onde havia me formado, em 1996. A ideia era desdobrar a minha iniciação científica em uma pesquisa mais alongada.

Eu havia feito, ao longo dos meus dois anos como bolsista Fapesp, um amplo levantamento dos artigos publicados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,

entre os anos 1894 e 1940. A biblioteca de Assis possuía quase a coleção completa; os volumes faltantes encontrei em outras instituições, inclusive na própria biblioteca do IHGSP, na rua Benjamin Constant, próxima da praça da Sé, na época aberta ao público. Nesse tempo produzi fichas e mais fichas com anotações e comentários sobre cada um dos textos publicados²⁰. Conhecia muito bem o quadro social da agremiação, e também a sua história. O próprio Antonio Celso logo publicaria um importante trabalho sobre o assunto, já citado anteriormente, que se tornaria referência para a historiografia sobre São Paulo²¹. Portanto, seria natural continuar nesta temática, ampliando aquilo que já havia feito.

Escolhi fazer um recorte sobre a presença, na agremiação, dos debates em torno do “caráter nacional paulista” na virada do século XX, que à época ainda reverberava um forte componente eugênico. Nas páginas da revista do IHGSP, figuras como a de Alfredo Ellis Jr. propagavam abertamente suas reflexões de cunho racial, especialmente quando se tratava sobre a questão da presença da população negra em São Paulo, e decidi enveredar por este caminho de investigação. O resultado foi a dissertação “Teorias Raciais e Interpretação Histórica: O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894-1940)”²², defendida em 2001.

Não posso dizer que o meu processo de pesquisa tenha sido tumultuado, e devo isso a três fatores principais.

Em primeiro lugar, tinha um ótimo conhecimento prévio do meu objeto. Portanto, parti para semear em uma terra já muito bem lavrada. Além disso, tínhamos um prazo de quatro anos para a conclusão da dissertação, e não os exíguos dois anos e meio que são geralmente impostos aos mestrands nos dias de hoje. E por fim a benevolência e tranquilidade do meu orientador, que solidário à minha condição de docente exausto me deixou bem à vontade para organizar o tempo da forma que achasse melhor.

Frequentei as disciplinas obrigatórias do mestrado, ministradas pelos professores do programa, viajando entre São José do Rio Preto e Assis, uma vez por semana. Nestes dias, aproveitava para voltar à biblioteca do campus, agora climatizada, e retomar a leitura das revistas do Instituto. Aliás, tive a sorte de frequentar um curso concentrado com o prof. Fernando Novais, organizado pelo nosso programa de pós-graduação, e posso dizer

²⁰ Esta pesquisa originou um catálogo que totaliza quase 300 páginas, ainda inédito; pretendo disponibilizá-lo em breve, para que possa contribuir com outros estudiosos do tema.

²¹ FERREIRA, Antonio Celso. *op. cit.*

²² A dissertação está disponível na página do repositório da Unesp, e pode ser acessada em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/93337>

que foi uma das melhores experiências que tive como aluno. Ele foi atencioso, simpático, divertido - lembro até hoje de uma anedota maravilhosa sobre o filósofo Francis Fukuyama, que infelizmente os novos tempos não me permitirão reproduzir aqui -, preciso nas palavras, e demonstrava saber tudo e mais um pouco. Fiquei mesmo, após o término desse encontro, com a certeza de ter conhecido um verdadeiro intelectual, como quando, ainda enquanto aluno de graduação, havia acompanhado conferências de Maurício Tragtenberg e Aziz Nacib Ab'Saber.

O resultado desse meu percurso no programa de mestrado na Unesp foi um trabalho sem brilhantismo, mas honesto, que contou com a colaboração da banca final, composta por Katia Abud, da USP, e José Luis Bendicho Beired, além de Antonio Celso, professores da casa. Os três foram generosos em seus comentários e sugestões, e eu terminei meu mestrado, após quase quatro anos, muito melhor, do ponto de vista intelectual, do que quando entrei. Foi um período de muitas leituras, de aprendizado com o difícil trabalho com a escrita, e de grande parceria com Raquel, que me ajudou em todas as etapas do processo, inclusive lendo os originais e apontando equívocos e lapsos.

Ao final da defesa, partimos para São Paulo, onde comemoramos com pizza, vinho e sobremesa a maravilhosa sensação de dever cumprido, ao lado de minha sogra, Norma Discini, e de um grande amigo da família, Prof José Luiz Fiorin, ambos docentes pesquisadores do curso de Letras da USP. E com um detalhe importante: eles não me deixaram pagar a conta.

Não alcancei nenhum ganho salarial ao agregar o título de mestre ao meu currículo, e minha vida continuou absolutamente igual; contratado nas escolas e na faculdade em Catanduva.

Ao longo daquele ano de 2001, entrando no novo século, em conversas com Raquel sobre o futuro, decidi começar a me preparar para o doutorado. Vinha em um ritmo intenso de estudos, e não vi motivos para fechar esta porta. Seria uma forma de fazer algo que realmente gostava; do contrário, certamente acabaria pegando mais aulas, aumentando a minha carga horário de trabalho, o que eu realmente não queria; o que ganhávamos já era o suficiente para nos mantermos sem dificuldades. Foi então que, mais

uma vez procurei Antonio Celso Ferreira, que deu o impulso final para continuar neste caminho, durante uma conversa no alpendre da casa de sua mãe, que sempre nos recebeu - a mim e minha família -, com sorriso e carinho.

O doutorado costuma ser um trabalho onde o peso das expectativas acadêmicas se fazem mais presentes, criando certa ansiedade sobre o seu resultado final, tanto entre os alunos quanto entre seus orientadores. Durante muito tempo ele foi mesmo o auge da carreira de um pesquisador. Vários dos meus professores de graduação fizeram dele o seu último trabalho de fôlego, em uma época anterior às exigências do *lattes*, que só passou a existir de fato após o meu ingresso no mestrado, em 1998. Antes disso, as pressões pela produção acadêmica eram de outra natureza, certamente irrisórias se comparadas aos dias atuais, se é que existiam.

Busquei ampliar o escopo das minhas fontes, além do arco temporal, e incorporei ao problema as propostas conceituais da chamada “história ambiental”, que à época já existia, mas dava seus primeiros passos no Brasil, especialmente nas universidades fora do eixo Rio/São Paulo.

Havia sim os precursores, como os professores José Augusto Pádua (UFRJ) e José Augusto Drummond (CDS/Unb); depois deles, destaco o Prof. Paulo Henrique Martinez (Unesp/Assis), cujos trabalhos e apoio foram fundamentais em todo o meu percurso do doutorado, que se estenderam para além dele. Um outro nome importante da área, pertencente à minha geração, é o prof. Sandro Dutra de Silva (UEG/UniEvangélica), também interlocutor e um amigo constante.

É evidente que muitos outros pesquisadores poderiam ser indicados - e não se trata aqui de fazer uma historiografia da história ambiental brasileira -, mas creio que esses podem ser apontados como as primeiras referências da área quando comecei meu doutoramento. Hoje são inúmeros os historiadores ambientais espalhados pelo Brasil, atuando em grupos de pesquisa, promovendo diversos encontros anuais, com participação frequente na ANPUH, tantos a nacional quanto as regionais, e publicando resultados relevantes em diversas revistas especializadas²³.

A ideia central do meu doutorado foi percorrer a história econômica paulista, especialmente durante a expansão cafeeira, na primeira metade do século XX, a partir dos impactos causados ao meio ambiente. Tarefa nada fácil de executar, para a qual me

²³ As produções publicadas pela *Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental* são um grande exemplo da diversidade da produção na área de história ambiental, e podem ser acessadas em: <https://solcha.org/inicio>

cerquei principalmente de jornais e revistas. Também tive que lidar com uma nova historiografia, tanto relativa à história econômica paulista, quanto da já referida história ambiental.

O meu ingresso regular se deu no ano de 2003, novamente no Programa de Pós-graduação em História da Unesp, em Assis. Então vieram as disciplinas, onde pude reencontrar alguns professores da minha época de graduação. Além deles, nos foi ofertado um curso com o Prof. Marcos Antonio da Silva, que tive a satisfação de frequentar.

As pesquisas para esse novo trabalho foram mais exaustivas, se comparadas ao meu projeto anterior. Tive que lidar com uma nova bibliografia, novas fontes, enquanto continuava ministrando um número expressivo de aulas. Entretanto, preciso aqui fazer uma pequena ressalva. Tanto no mestrado quanto no doutorado me foram oferecidas condições para ser bolsista; oportunidade que preferi não agarrar. Tinha medo - na verdade, quase um pânico -, de ficar desempregado ao final do processo, perdendo totalmente meus vínculos empregatícios, e não havia possibilidade de ministrar aulas, mesmo em número limitado, durante a vigência do auxílio. Portanto, fiz esta escolha totalmente consciente das implicações que ela provocava, especialmente no que se refere ao tempo dedicado à vida acadêmica.

Comecei a redigir o texto definitivo em 2006, e em meados de 2007 apresentei o trabalho intitulado “Ecologias em terra paulista (1894-1950): As relações entre o homem e o meio ambiente durante a expansão agrícola do Estado de São Paulo”²⁴. A banca final foi composta pelos professores Jozimar Paes de Almeida (Uel) e Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa (Unicamp), além dos docentes da própria faculdade: Tania Regina de Luca, Flávia Arlanch Martins de Oliveira e meu orientador, Antonio Celso Ferreira.

Contei mais uma vez com a generosidade dos arguidores, que apontaram os erros e acertos de modo firme, como deve ser uma arguição de doutorado, mas acolhedor. Fiquei muito satisfeito com todos os comentários, especialmente os apresentados pela Prof^a Silvia Figueirôa, que eu não conhecia pessoalmente, mas que desde então sempre me atendeu com simpatia e delicadeza.

Ao final do processo, e podendo analisar com a clareza oferecida pelo distanciamento, penso que meu trabalho trouxe à luz um interessante conjunto de fontes, analisadas com a segurança do método histórico, e está bem escrita - me sentia mais seguro em relação à dissertação defendida cinco anos antes -, mas ficou aquém do que eu

²⁴ A tese está disponível na página do repositório da Unesp, e pode ser acessada em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/103190>

esperava. Se fosse possível, gostaria de ter continuado trabalhando em seu conteúdo até hoje; o que certamente teria melhorado em muito a minha capacidade de responder as perguntas formuladas ao longo do estudo, mas me impediria de alçar outros voos acadêmicos. Eu teria um enorme trabalho em mãos - ou talvez uma ruína? -, mas estaria fora do jogo dos concursos. De todo modo, ela atualmente está disponível no repositório da Unesp, e vez ou outra a vejo citada, quase exclusivamente em estudos da história ambiental, me mostrando que de algum modo realizei um dos maiores objetivos acadêmicos, que é o de acrescentar mais camadas de conhecimento sobre determinado objeto de análise, pensando nos pesquisadores que virão depois de nós; e me sinto apaziguado²⁵.

Encerrada essa fase de formação de uma trajetória acadêmica, minhas perspectivas para o futuro ficaram um pouco nebulosas. Foram quatorze anos ao todo, da graduação, em 1993, até o final do doutorado, em 2007, e eu não tinha ideia do que faria a partir dali. Na verdade, Raquel também estava para defender seu doutorado, na Unesp de Araraquara, e a questão dos concursos públicos passou a fazer parte de nossas conversas de forma mais cotidiana. Entretanto, eu estava muito confortável em minha posição profissional, como professor de ensino médio e atuando em faculdades privadas. Aulas não faltavam, gostava do trabalho que realizava e da vida que havia construído em São José do Rio Preto. Tinha feito grandes amigos, e transitava muito bem naquele meu imenso quintal.

²⁵ Um fato que me enche de orgulho, e também de um sentimento bom de dever cumprido, é o de ter descoberto recentemente, por mero acaso, que a Tese “Ecologias em Terra Paulista...” integra a *Biblioteca da questão agrária do MST*. Gosto especialmente do texto explicativo, publicado no *site*, por si só uma magnífica declaração de resistência dos trabalhadores rurais, nesse país ainda comandado por coronéis: “Aqui vocês encontrarão grande parte do que vem sendo publicado no Brasil sobre questão agrária. Estão disponíveis materiais que tratam de temas relacionados, principalmente, à luta pela terra, Reforma Agrária, Agroecologia, Educação do Campo e Soberania Alimentar. Esta Biblioteca é destinada a militantes, camponeses, estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados. Qualquer pessoa pode acessá-la livremente, sem cadastro ou senha”. Para consultá-la, basta acessar o endereço: <https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria/>

A vontade maior me inclinava a emoldurar o diploma de doutorado, pendurá-lo na parede da sala, descansar um pouco depois de toda a correria dos últimos anos, e não pensar em mais nada.

E de fato, o final de 2007 para mim foi um momento de tranquilidade, acreditando que a minha passagem pelos corredores da universidade pública havia se encerrado definitivamente. Voltaria somente para participar de congressos, ouvindo os antigos e conhecendo os novos mestres, com um sorriso aliviado no rosto, como um doutor *flaneur*, ou melhor, um *flaneur* doutor. Finalmente estava liberto dos livros que eu “tinha” que ler, dos seminários para apresentar, das fontes para analisar e dos prazos para cumprir. Agora as livrarias seriam somente minhas, e escolheria o que ler, e quando, pelo simples prazer da leitura, ou talvez escolheria mesmo não ler nada, quem sabe?

Estava feliz e apaziguado com minhas escolhas. Mas o meu mundo tão estável - ao menos era assim que eu o enxergava - não tardaria a virar de pernas para o ar já no ano seguinte. E eu me perguntava, conversando com meus próprios botões, como diriam os nossos patrícios: quem mandou fazer doutorado?

3.3. Universidade Federal de Uberlândia

Eu e meus colegas mestrando e doutorando fomos surpreendidos, naquela metade dos anos 2000, pela volta dos investimentos governamentais no ensino superior, especialmente nas universidades e institutos técnicos federais. Foi o momento do “Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais”, mais conhecido como Reuni, criado pelo governo Lula em 2008, e dirigido pelo então ministro da educação, Fernando Haddad²⁶.

O resultado mais evidente dessa política foi a expansão do sistema, estagnado praticamente desde o início dos anos 1990, especialmente no interior do Brasil, o que gerou uma demanda por novos docentes; e nós, mestres e doutores, estávamos prontos, ou quase, para essa novíssima necessidade.

Foi uma luz no final do túnel para os recém titulados, muitos dos quais trabalhando nas faculdades privadas, que começavam, quase naquele mesmo instante, a dar os primeiros sinais da crise que logo se instalaria no setor. Os salários já não eram os mesmos, o número de alunos ingressantes diminuía, ano após ano, e os estímulos que até então nos era oferecido foram sendo cortados.

Entretanto, precisávamos de uma prova de que era possível acompanhar esta onda, e ela veio pelas mãos de Raquel, que passou no concurso para História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, em meados de 2008, em um processo muito concorrido. Me lembro bem da emoção quando saiu o resultado final, que me deixou radiante. Eu estava no meio de uma aula de terceiro colegial, quando a coordenadora, chamada Renata, chegou para me dar a notícia que acabara de receber por telefone. Raquel tinha sido aprovada! Fiquei muito emocionado, porque eu sabia que ela merecia. Dedicada ao extremo, fez um mestrado surpreendente e um doutorado magnífico, que mais tarde seria publicado pela prestigiada editora da Unesp, com a costumeira competência editorial.

Um amigo de Catanduva, chamado Fernando Moreno, me disse, ao saber da notícia: “Marcelo, agora vamos para cima; é possível!”. Portas que se abriram para a minha geração a partir uma política pública encaminhada pelo governo Lula, fato que jamais poderá ser negado, mesmo por seus mais fervorosos detratores.

²⁶ O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. O programa ainda existe, mas com outras prioridades. Para maiores informações, acessar: <https://reuni.mec.gov.br/>

Na mesma época do concurso que Raquel acabaria aprovada, foram abertas oito vagas para serem preenchidas no Instituto de História, também da UFU. Ficamos exultantes, e nos perguntávamos: “Já pensou, trabalharmos juntos na mesma universidade?”

Me preparei com dedicação para participar do processo. Li a bibliografia recomendada, fichei os textos dos pontos sugeridos, e na data estipulada fui de carro até Uberlândia para a prova escrita, - a cidade fica a cerca de 280 km de Rio Preto -, confiante, cheio de esperança, mas receoso; afinal, era o meu primeiro concurso dessa natureza.

Particpei da primeira etapa do processo, segurando uma caneta preta e uma folha de papel almaço, penso que ao lado de quase uma centena de candidatos, todos disputando aquela verdadeira avalanche de vagas, e aconteceu o que no fundo eu esperava. Fui reprovado. Porém, estava tão maravilhado com a conquista de Raquel, que logo mudei de foco. Achei ruim, claro, porém segui em frente.

Fui cuidar então da trabalhosa mudança para a nova cidade, que desconhecíamos totalmente. O combinado, a princípio, era montarmos duas casas, e no futuro eu procuraria aulas na rede privada de Uberlândia, para começar uma transição entre os dois estados vizinhos. Até tudo se estabilizar, a Br 153, uma estrada pessimamente conservada e muito movimentada, que liga São José do Rio Preto ao Triângulo Mineiro, se tornaria familiar. Eram tantas as minhas viagens que um dia, durante uma parada para o café em um posto na cidade do Prata, chamado “Pratão”, um caminhoneiro puxou conversa e perguntou qual era o meu “trecho”. Ao relatar este encontro para meu cunhado, Douglas Discini de Campos, que passou parte de sua vida na boleia de um caminhão, percebi que ele ficou orgulhoso. Acho que eu também.

Em meio a toda essa nova realidade, tive conhecimento de um edital, não sei ao certo por quais meios, para provimento de uma vaga na UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), em Uberaba, que recebia uma nova leva de cursos, também resultantes do Reuni, entre eles o de História. Fiquei com receio de me inscrever, especialmente porque estávamos cuidando da mudança de Raquel, que assumiria suas atividades na UFU em setembro de 2008. Este era o meu objetivo principal, fazer esta transição; além disso, continuava normalmente com minhas obrigações nas escolas e na faculdade, onde me mantinha na Coordenação. Estava, sem dúvida, em uma época de muito trabalho, dentre e fora da sala de aula.

Mesmo assim, muito por insistência de Raquel, acabei me inscrevendo, uma vez que as provas aconteceriam somente no final daquele ano de 2008. Claro que havia uma

resistência minha, medo de fracassar novamente. Por outro lado, a perspectiva de uma eventual aprovação poderia me colocar a 100 km de Uberlândia, além de abrir uma nova etapa profissional, que até então parecia distante; mas se não desse certo novamente, manteria minhas atividades em Rio Preto, à espera de outras oportunidades.

Quando cheguei à cidade de Uberaba para as provas, em meio a uma chuva torrencial -, senti uma estranha sensação de familiaridade, que explico não por questões místicas, mas sim por um desejo inconsciente de que desse certo. Fui então muito decidido a me sair bem, e por sorte, foi o que aconteceu.

Fiquei, para minha total surpresa, em primeiro lugar na prova escrita, e mantive a posição nas duas outras etapas: avaliação didática e análise de currículo. Estava, enfim, quando vi finalmente meu nome no topo da lista, aprovado em um concurso público de uma universidade pública. Somente quem viveu os anos de escassez de vagas pode entender o quanto este feito era significativo.

Tinha trinta e três anos, idade mítica, porém já havia passado por vários estágios da carreira docente. Agora um desafio se colocava para mim, e estava muito animado com esta espécie de recomeço. Ganharia novos colegas e me integraria a uma outra estrutura administrativa. Estava feliz, sem dúvida, mas também um pouco relutante com o que viria. Por outro lado, estaria bem mais próximo de Raquel.

Contudo, logo questões estruturais inadiáveis se colocaram. Onde moraríamos? Em Uberlândia ou em Uberaba? E o nosso apartamento em São José do Rio Preto, o que faríamos? Problemas que não foram resolvidos de imediato, e demoraria ainda um certo tempo até encontrarmos uma estabilidade nas questões de ordem privada.

Ingressei na UFTM em junho de 2009, sem cerimônia, em uma das salas da administração da faculdade, atrapalhando o expediente, mas com um largo sorriso no rosto. Antes disso, tive que passar por um exame admissional incomum. Um servidor da universidade - seria novamente um psicólogo no meio do caminho? -, talvez pensando que eu estava sendo contratado para alguns dos inúmeros cursos da área da saúde, que até então dominavam a antiga faculdade de medicina, após uma série de anotações genéricas em um pequeno bloco de papel, me fez uma pergunta muito capciosa, enquanto me fitava

com olhos profundos e uma voz estranhamente infantil: “Você se sente deprimido?”. Nossa...

Eu respondi, depois de uma pausa dramática, enquanto tentava segurar o riso nervoso, que se viesse à tona não contribuiria em nada para aquele *fast* diagnóstico: “Quem não se sente deprimido hoje, doutor?” Parece que a minha resposta o convenceu da minha sanidade, e fui liberado para o trabalho.

Quando cheguei, tinha como uma única colega de curso a Profª Sandra Mara Dantas. Estávamos, os dois, unidos pelo enorme desafio de começar uma graduação praticamente do zero, a partir de um projeto inovador, que propunha a existência de um núcleo comum atendendo vários cursos, da história à biologia. Havia uma clara tensão no ar, que contrapunha os cursos liderados pela faculdade de medicina, já bastante consolidados, e até então senhores incontestes daquele espaço, e as novas graduações, especialmente as dos cursos de humanidades que acabavam de chegar, criados pela política do Reuni. O resultado imediato foi a maior diversidade étnica e social no campus, que gerou certos desencontros, muitas vezes indisfarçáveis. Um episódio que acompanhei naqueles dias pode exemplificar melhor essa realidade, que certamente deve ter se repetido em outras instituições pelo país.

Um aluno recém-chegado, oriundo de outro estado, matriculado em um dos cursos das licenciaturas, solicitou algum tipo de auxílio financeiro para se manter na cidade, o que chamaríamos de bolsa social. Mas se hoje isto é algo comum entre as universidades públicas, que estão relativamente preparadas para tais demandas, naquele momento ainda havia muita incerteza e desinformação, especialmente nas instituições mais recentes e de histórico mais elitista.

Houve um indisfarçável desconforto, especialmente entre os membros mais antigos da casa, que certamente não tinham se deparado com um problema daquela natureza, acostumados que estavam aos discentes de maior poder aquisitivo aprovados no concorridíssimo vestibular de medicina, ou nos demais cursos da área da saúde. Um deles até comentou, cheio de surpresa: “como assim o aluno não tem condições de se sustentar?” Levei as mãos à cabeça e pensei que teríamos um caminho árduo pela frente.

Sem dúvida era um novo Brasil que adentrava os portões daquela tradicional faculdade, resultado direto das políticas de ampliação do acesso aos cursos de formação superior lideradas pelo governo Lula, então no segundo mandato. Estava claro que tudo precisava se modernizar, para criar novas estratégias de amparo ao alunato carente - ávido pela formação, mas sem recursos financeiros -, e conseguir enfrentar este e outros desafios

que se colocavam perante toda a comunidade universitária, especialmente a partir do momento em que a política de cotas se tornou uma realidade.

Outra passagem curiosa. Na mesma época, um membro da gestão superior me questionou, sem cerimônia, ao ser indagado por mim sobre os motivos da negativa na liberação de recursos que eu havia solicitado, se “existia pesquisa em história”. O evento era o XXV Simpósio Nacional de História, ocorrido em Fortaleza, que acabei custeando com recursos próprios, e não me recordo da resposta que dei a tão inusitada pergunta.

De qualquer forma, não tive tempo de contribuir nesse processo de construção como desejava, porque minha história tomaria um novo rumo inesperado.

A partir de movimentações internas de docentes entre as universidades federais, possíveis dentro das regras do sistema, o Instituto de História da UFU abriu um novo edital para provimento de duas vagas, menos de um ano desde aquele primeiro concurso, no qual havia sido reprovado. Acho que o medo de uma rápida mudança de ventos explica a agilidade desses descolamentos pelos interessados, uma vez que em nosso país “tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

Raquel já estava totalmente integrada à Faculdade de Educação da UFU, após sua aprovação em 2008, e a questão de prestar, ou não, logo se impôs, e ao mesmo tempo eu me perguntava: teria forças para participar novamente de um concurso, em tão pouco tempo? Seria justo chegar em Uberaba já me despedindo?

Decidi me inscrever, um pouco receoso, sem grandes expectativas. Já estava pensando em nossa vida no eixo Uberlândia/Uberaba, reconhecendo os novos ambientes que até então nos eram desconhecidos. Contudo, uma vez tomada a decisão de enfrentar a nova banca, não fui negligente, muito pelo contrário. Mais uma vez estudei atentamente a bibliografia sugerida, revisei minhas anotações, li os livros que ainda não conhecia, preparei com obsessão as aulas dos pontos indicados, reorganizei meu currículo, e fui participar desse que seria meu terceiro e, até agora, último concurso como candidato.

A tranquilidade de já estar em Uberaba como docente efetivo da UFTM sem dúvida contribuiu para o meu bom desempenho. Estava seguro, e até aliviado com a

oportunidade de tentar refazer a impressão deixada anteriormente, e este era um sentimento unicamente meu, uma vez que obviamente ninguém ali notara a minha falta.

Fiz a prova com segurança, entreguei meu currículo com a cabeça erguida para a contagem de pontos e participei da avaliação didática. Me lembro inclusive do ponto sorteado para a aula: “História e Memória”. Ao final, lá estava eu, também aprovado na UFU, para adentrar ainda mais no “sertão mineiro”.

A minha querida colega Sandra Mara Dantas, desbravadora como eu daqueles momentos iniciais da UFTM, quando sua nova organização administrativa ainda estava sendo montada, que poderia muito bem ter ficado contrariada com a minha escolha, ou ter feito cara de poucos amigos, foi das primeiras a me cumprimentar e dizer: “Vá com toda a força e seja feliz”. A bondade é um atributo precioso, e pertence à poucos.

Ao final de setembro de 2009 eu já estava em sala de aula, como professor da Universidade Federal de Uberlândia, começando em uma nova instituição. A segunda em menos de dois anos.

Diferentemente do curso de história da UFTM, que dava os seus primeiros passos, o que encontrei na UFU, no momento da minha chegada, foi um terreno consolidado, resultante do trabalho árduo dos professores, servidores técnicos e alunos que me antecederam. Uma graduação em história, que acabara de completar quarenta anos, com entradas anuais, repleta de alunos nos dois períodos, além do mestrado e do doutorado, que acabava de ser aprovado.

Havia um grupo atuante de professores mais antigos, que conheciam toda a estrutura da universidade, muitos dos quais tendo ocupado cargos na administração superior. Por outro lado, quase metade do corpo docente era, assim como eu, neófito, gerando uma irmandade entre nós que duraria certo tempo. Esta nova composição do instituto acabou criando uma divisão informal, mas plenamente identificável, entre os “novos” e os “velhos” professores, tensionando o ambiente durante certo período, e que demorou, em minha opinião, tempo demais para ser minimamente apaziguado. Na verdade, estávamos todos nos (re)conhecendo, experimentando as afinidades, os gostos em comum e as resistências. Exceção feita aos técnicos administrativos, desde o início solícitos e afetuosos, especialmente dos secretários do instituto, Gaspar Belchior

Francisco da Cunha e Luciana Lemes de Andrade Barbosa, e um pouco mais tarde, Luís Augusto Mesquita; os três sem dúvida honravam plenamente a tão alardeada hospitalidade mineira.

Me foram atribuídas duas disciplinas absolutamente diferentes, distantes da minha área de concurso, que nada tinham em comum entre si, nos confortáveis horários da segunda-feira pela manhã e sexta-feira à noite. Sem dúvida foi um belo presente de boas-vindas.

Algo importante que precisa ser dito foi a minha surpresa com a boa estrutura não somente do curso em que atuava, como também da própria universidade. No âmbito interno, o INHIS possuía vários laboratórios e grupos de pesquisa, pelo menos duas revistas reconhecidas nacionalmente, secretarias com servidores empenhados, salas de aula bem equipadas, e até um “Centro de Documentação e Pesquisa em História”, o CDHIS, um órgão complementar que guarda um acervo documental precioso, de dar inveja às maiores universidades brasileiras. Além disso, conheci ótimos pró-reitores, e mal pude acompanhar os vários editais de fomento interno - resultado ainda das políticas de valorização do ensino superior encaminhadas pelo ministro Fernando Haddad -, que me deram a impressão de uma vida acadêmica viva e pujante.

Por fim, fiquei impressionado com a biblioteca de referência das humanidades, localizada no campus Santa Mônica, com seu belo acervo bibliográfico, e com as constantes chamadas para a compra de livros, para as quais contribuí com esmero²⁷.

É mesmo uma tristeza que esse tempo de bonança tenha ficado para trás, se deteriorando após o segundo mandato do governo Lula; porém, não tínhamos ideia das dificuldades que enfrentaríamos com a chegada de uma pandemia e do presidente empossado em janeiro de 2019, que já havia se pronunciado negativamente - e aqui é necessário este eufemismo, porque muito do que ele disse, reverberado por seus correligionários, é impubescível -, contra as universidades e seus professores.

De todo modo, salvo as intercorrências normais de um novato perdido em um ambiente desconhecido, fui aos poucos construindo minhas relações pessoais e profissionais, tendo que partir do zero, o que nem sempre é fácil depois de certa altura da vida, procurando e encontrando um grupo com o qual pudesse dialogar e trocar afinidades; e tive a sorte de encontrar uma pessoa especial, o prof. Florisvaldo Paulo

²⁷ Nesses dezesseis anos de UFU fiz, de acordo com o relatório fornecido pelo *Sistema de Gerenciamento de Aquisição de Material Informacional*, o pedido de compra de 640 livros para atualização do acervo. Desse total foram adquiridas, em momentos diversos, 480 obras, que já estão disponíveis aos usuários.

Ribeiro Jr, que se tornaria um amigo e uma referência importante para toda a minha família. Depois dele vieram outros mais - citados nominalmente nos agradecimentos que iniciam este memorial -, e hoje posso dizer que me sinto em casa, rodeado por algumas pessoas queridas, o que é fundamental para todo migrante, cujos laços familiares ficaram na distância. E mais importante: eu e Raquel, de forma surpreendente, estávamos juntos na mesma cidade e na mesma universidade, algo que achávamos muito difícil, para não dizer quase impossível de acontecer. E hoje somos quatro: Marcelo, Raquel, Pedro e Teresa.

Se alguém me perguntasse sobre esta possibilidade quando havíamos terminado nossos doutorados, eu responderia com uma negativa. Mas “o mundo gira e a lusitana roda”, como dizia o *slogan* da antiga transportadora paulista.

3.4. Produção Acadêmica

Dentre as inúmeras expectativas de atuação que recaem sobre um professor universitário - especialmente nas instituições estaduais e federais de ensino -, divididas de forma geral entre ensino, pesquisa, extensão e administração, a produção bibliográfica tem um papel dos mais importantes. Isto merece uma explicação, principalmente para os não familiarizados com a lógica acadêmica.

É por meio desse indicativo que as agências de fomento e os órgãos governamentais quantificam, hierarquizam e distribuem os recursos financeiros, que estão invariavelmente aquém das demandas solicitadas. Desde que acompanho as idas e vindas do mundo acadêmico, nunca ouvi a frase: “Ótimo, o dinheiro foi suficiente, todos estão satisfeitos”. Sempre há uma falta.

E a regra principal desse “jogo”, que regula uma parte importante do orçamento para o ensino superior, especialmente dos programas de pós-graduação, são relativamente simples: departamentos - para usar uma designação de maior abrangência -, formados por docentes que publicam mais livros, artigos e capítulos em editoras ou revistas de maior relevância recebem mais recursos, tanto da união quanto de suas unidades federativas, por meio de seus braços institucionais, como o CNPQ, CAPES, INEP, FAPESP, FAPEMIG, FAPEG, FAPERJ, etc. Já os pesquisadores, de todos os níveis, mostram as suas “cartas”, ou melhor, os seus números, por meio do afamado currículo *lattes*.

Claro que existem outros critérios também vigentes, que variam um pouco de tempos em tempos, à luz da governança em exercício. O número de egressos, tanto graduandos quanto pós-graduandos, o nível de inserção internacional das instituições de ensino, quantidade de alunos matriculados e a qualificação dos docentes são algumas das outras variáveis geralmente recomendadas. Além disso, diversidades regionais podem influenciar na quantidade de recursos compartilhados, a depender de políticas públicas específicas. Programas especiais de governo, com estímulos à diminuição das disparidades regionais, também agem sobre os orçamentos do Ministério da Educação e demais órgãos governamentais voltados para o desenvolvimento científico e tecnológico. Porém, é inegável que o peso que se dá à produção bibliográfica ainda é imenso, sem falar que ela continua sendo uma das grandes, se não a maior, vitrine do trabalho acadêmico, em praticamente todas as áreas do conhecimento. Os textos escritos são os meios pelos quais os pesquisadores podem ser lidos pelo público leigo, pelos interessados diletantes,

mas também, e sobretudo, pelos seus pares; os maiores responsáveis pela distinção e pelo reconhecimento que interessa de fato dentro do concorrido e nada cordial campo científico, em busca daquele que parece ser um dos maiores capitais em disputa, a chamada “notoriedade intelectual”²⁸.

Certamente esse é um dos assuntos mais acalorados a circular nas rodas acadêmicas, gerando debates infinitos e em grande parte infrutíferos, porque as regras continuam sendo aplicadas, apesar dos questionamentos, há pelo menos vinte anos, dividindo os pesquisadores entre os “produtivos” e os “improdutivos”, ambos termos genéricos e simplificadores de uma carreira tão complexa, que exige uma atuação em várias frentes, muitas das quais incompatíveis com as linhas quantificáveis de Excel.

Longe dessa discussão, e ciente das minhas obrigações, me limito aqui em apresentar a parte que considero mais representativa da minha produção bibliográfica acadêmica, contextualizando-a em função do momento em que foi criada.

Começo pelas coletâneas e capítulos de livros.

Aquele que considero o meu primeiro trabalho relevante publicado foi realizado em parceria com meu orientador, Antonio Celso Ferreira, e o apoio de Raquel, que apesar de não ter sido creditada, foi incentivadora de primeira hora deste livro, além de contribuir como autora. Trata-se da coletânea *Letras e Identidades: São Paulo no século XX, capital e interior*²⁹, publicada em 2008. Nele foram reunidos artigos de uma série de pesquisadores da dinâmica que o título claramente anunciava, muitos dos quais oriundos do programa de pós-graduação em Assis, e que naquele instante estavam se doutorando. Além dos jovens pesquisadores, Tania Regina de Luca, Flávia Arlanch Martins de Oliveira, Antonio R. Esteves e o próprio Antonio Celso, nossos professores na Unesp, também participaram com textos inéditos, oferecendo mais peso e visibilidade à obra.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *homo academicus*. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2013.

²⁹ FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (orgs). *Letras e Identidades: São Paulo no século XX, capital e interior*. Campinas: Ed. Pontes, 2008.

Minha contribuição, além das tarefas próprias de um organizador, foi preparar - a quatro mãos -, a apresentação e escrever um dos capítulos, intitulado *O Paulista e o Outro: a construção de uma identidade racial na IHGSP (1894-1940)*. Nele desenvolvi, utilizando fontes que ainda não havia tido tempo de trabalhar, as principais conclusões do meu mestrado. Foi um exercício nada fácil, o de converter uma dissertação em um artigo; revisitando-o hoje, creio que cumpri o objetivo.

No geral, penso que o livro está bem equilibrado, trazendo uma unidade temática, que se desvela através dos nove artigos, além de conseguir demonstrar o que, naquele momento, muitos de nós, próximos do Prof. Antonio Celso Ferreira, estávamos pesquisando; temas relacionados à formação de uma intelectualidade paulista, especialmente no interior de São Paulo. Trata-se, portanto, de um retrato daqueles anos de formação.

Eu teria a oportunidade de revisitar as questões raciais em São Paulo, formuladas inicialmente em meu mestrado, em um outro livro, dessa vez organizado por Raquel e Bruno Bontempi Jr, publicado em 2018³⁰. Nele, preparei o texto intitulado *O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a ideia de Raça (1894-1940)*. O que tentei fazer neste artigo foi apresentar as formas como uma parcela da elite letrada paulista lia e interpretava os preceitos raciais então em voga. Tratou-se aí de retomar uma bibliografia, da qual na verdade jamais me afastei, sendo utilizada em diversos cursos que ministrei na UFU, sob a luz de uma nova dinâmica interpretativa das fontes recolhidas das revistas do IHGSP. De todo modo, foi motivo de alegria participar deste livro, e estar ao lado de pesquisadores que sempre admirei, como Carlos Monarcha, Katia Maria Abud, Rosa de Fátima Souza, Norma Discini e Marcus Vinícius da Cunha, entre outros.

Em 2011, organizei junto de Raquel e do amigo Celso Carvalho Jr, também historiador e ex-aluno da Unesp de Assis, um livro que reuniu textos acadêmicos sobre São José do Rio Preto e região, intitulado *Terra (In)cógnita: novos estudos sobre São José do Rio Preto*³¹. Estávamos à época muito envolvidos com a cidade, tanto do ponto de vista cultural quanto político. O financiamento para a publicação veio da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de São José do Rio Preto (FAPERP), e ela teve uma boa acolhida local, embora tenha despertado também certas rivalidades com antigos

³⁰ CAMPOS, Raquel Discini; BONTEMPI Jr., Bruno. *Paulistanidade e Educação – práticas e simbologias*. Campina: Ed. Pontes, 2018.

³¹ CARVALHO JR, Celso; MAHL, Marcelo Lapuente; CAMPOS, Raquel Discini (orgs). *Terra (In)cógnita: novos estudos sobre São José do Rio Preto*. Campinas: Ed. Pontes, 2011.

memorialistas e historiadores da cidade, que se sentiram preteridos devido ao título “Terra (in)cógnita”. Porém, superado o ruído inicial, a coletânea acabou oferecendo uma competente contribuição para a história daquela região, elaborada em grande parte por uma nova geração de historiadores, sociólogos, urbanistas e arquitetos. O lançamento foi realizado no SESC/Rio Preto, e foi um ótimo momento de encontro desse grupo que infelizmente não conseguiu dar prosseguimento à empreitada. Tínhamos um plano para um segundo volume, mas o projeto não se concretizou.

O título do meu artigo foi *Áreas de Fronteira e o far-west paulista*, e estava ligado diretamente ao doutorado recém defendido. A minha ideia foi apresentar as tensões sociais e políticas, além da pressão ambiental, que atuavam em São José do Rio Preto na década de 1920, tendo como eixo central a luta pela terra. Estabeleci um diálogo muito direto com a obra de Pierre Monbeig, uma das referências mais importantes para a minha pesquisa; alguns anos mais tarde, eu publicaria um trabalho tratando exclusivamente desse importante geógrafo francês.

Outra contribuição como organizador de coletânea foi publicada no ano de 2017, e teve como título *Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros: Nação e Região na Historiografia Brasileira*³². Eu e o Prof. Antonio Celso Ferreira dividimos mais uma vez a tarefa de reunir os autores que trabalhassem com a temática dos institutos; um plano antigo, que já aventávamos desde o mestrado, e que finalmente pôde ser concretizado.

Na verdade, já havíamos organizado, em 2011, um dossiê para a revista *Patrimônio e Memória*, do CEDAP de Assis, onde também publicamos um texto sobre o tema, que teve uma ótima acolhida, chegando a figurar como bibliografia para o concurso público para docentes do estado de São Paulo³³. Partimos então dessa experiência positiva para avançar rumo a uma coletânea.

Escrevemos juntos uma apresentação, que buscou trazer o panorama dos institutos como tema historiográfico. Em relação aos colaboradores, conseguimos reunir um grupo variado de pesquisadores, com trabalhos sobre São Paulo, Goiás, Bahia, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Sul e Pará. Essa representatividade é a grande força da obra.

³² FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente. *Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros: Nação e Região na Historiografia Brasileira*. Campinas: Ed. Pontes, 2017.

³³ FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente. *Preservação e patrimônio no instituto histórico e geográfico de São Paulo (1894-1937)* In: Revista Patrimônio e Memória; UNESP – FCLAS – CEDAP, v.7, n.1, p. 3-18, jun. 2011.

Em meu artigo, *Raça e Civilização Bandeirante no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894-1934)*, revisito a questão identidade bandeirante no contexto da produção intelectual do IHGSP. Aproveito também para retomar uma espécie de história da agremiação, apontando alguns de seus principais marcos cronológicos.

Organizar este livro foi uma grande satisfação. Tive contato com pesquisadores de todo o Brasil, solícitos e generosos, que não retrocederam ante a necessidade de um financiamento coletivo para conseguirmos viabilizar a impressão. Ao final, todos se sentiram satisfeitos com o resultado, que continua sua trajetória no circuito acadêmico.

Por fim, organizei com meu colega Jean Luiz Neves Abreu, o livro intitulado *Qual Brasil? Perfis e trajetórias nas artes, religião, ciências, meio-ambiente e cultura (do século XVIII aos dias atuais)*, publicado pela EDUPE, recentemente finalizado³⁴. Trata-se de um conjunto de estudos biográficos, produzidos por 29 pesquisadores convidados.

Contribuí com o perfil do mergulhador, ambientalista e aventureiro francês Jacques-Yves Cousteau, que percorreu a Amazônia entre os anos de 1982 e 1983, deixando uma visão bastante original sobre o Brasil e as questões da proteção ambiental que ainda estavam se esboçando em nosso país.

Destaco aqui duas outras participações em livros que considero representativas do tipo de pesquisa que venho realizando na chamada “história ambiental”. E essas duas produções se devem ao historiador Sandro Dutra e Silva, que conheci em uma ANPUH nacional, realizada na cidade de São Paulo em 2011, e com quem, desde então, estabeleci laços profissionais e de forte amizade.

Em 2012, Sandro e outros colegas da história ambiental organizaram uma grande coletânea, que se desdobraria ao todo em três volumes, com um panorama das produções brasileiras mais recentes voltadas para a história ambiental, sob o título *História*

³⁴ ABREU, Jean Luiz Neves; MAHL, Marcelo Lapuente. *Qual Brasil? Perfis e trajetórias nas artes, religião, ciências, meio-ambiente e cultura (do século XVIII aos dias atuais)*. Recife: EDUPE, 2025. Acesso gratuito no link: <https://www.edupe.upe.br/index.php/qual-brasil-perfis-e-trajetorias-nas-artes-religiao-ciencias-meio-ambiente-e-cultura-do-seculo-xviii-aos-dias-atuais>

Ambiental – fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza, publicada pela coleção “Terra Mater” da prestigiada editora Garamond³⁵.

Foi a primeira iniciativa do gênero no Brasil, e dela participaram diversos historiadores com longa trajetória na área, como José Augusto Pádua e José Augusto Drummond, além do renomado pesquisador norte americano Donald Worster, um dos desbravadores desse campo de estudo, que sem dúvida ajudou a formatar com a publicação de seu livro sobre o *Dust Bowl* nos Estados Unidos, originalmente lançado em 1979, e que até hoje, de forma inexplicável, não possui uma versão traduzida para o mercado nacional³⁶.

Minha contribuição, *O Ideal do progresso em marcha: história econômica e ambiental do noroeste paulista nos anos de 1920*, estava em plena sintonia com as pesquisas em história ambiental publicadas no volume. Nele avaliei a experiência pioneira no Noroeste Paulista, potencializada pela economia cafeeira, a partir das representações da natureza então dominantes, tendo como fontes de pesquisa os jornais que circulavam em São José do Rio Preto no período estudado.

Pouco mais de um ano depois, participei de uma outra obra também organizada pelo prof. Sandro Dutra, intitulada *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*³⁷. Neste livro, também reunindo pesquisadores da história ambiental, trouxe o artigo *A expansão pioneira no Noroeste Paulista: os Álbuns Ilustrados como documentação para uma história ambiental da fronteira (1900-1930)*, que propunha algumas reflexões sobre a utilização dos chamados “Álbuns Ilustrados”, gênero de publicação muito comum no interior de São Paulo, especialmente durante a Primeira República, para o estudo das relações entre homem, sociedade e natureza. Foi uma tentativa minha de pensar criticamente uma “fonte”, inserindo a variável ambiental no trabalho do historiador; um tipo de reflexão que depois se desdobraria em outros trabalhos e projetos de pesquisa.

³⁵ FRANCO, José Luiz de Andrade; DUTRA E SILVA, Sandro; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovanna Galvão. *História Ambiental – fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

³⁶ WORSTER, Donald. *Dust Bowl – The Southern Plains in the 1930s*. Oxford: Ed. Oxford Press, 2004.

³⁷ DUTRA E SILVA, Sandro; PIETRAFESA, José Paulo; FRANCO, José Luiz Andrade; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovanna Galvão. *Fronteira Cerrado – sociedade e natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013.

Ao lado das participações em livros e coletâneas, tive alguns textos publicados em revistas científicas. O primeiro deles foi o já citado artigo que fez parte do dossiê de 2011 sobre os Institutos Históricos, na revista *Patrimônio e Memória*. Pouco mais de um ano depois, em um momento pessoal muito produtivo, tive um trabalho aceito na “Revista de História” da USP, sobre o geólogo norte-americano Orville Adalbert Derby. O interesse por este personagem - uma espécie de *gauche* da ciência -, nasceu já nos primeiros estudos sobre o IHGSP, da qual ele foi um dos sócios fundadores. Sua trajetória foi repleta de desencontros, brigas, desventuras e solidão, mas também de magnífica competência, tendo contribuído sobremaneira para a consolidação da ciência, especialmente a geologia, no Brasil. Seu suicídio, em 1915, foi muito comentado na época, e tornou-se tema para muitos historiadores da ciência.

Meu artigo *Orville Adelbert Derby: notas para o estudo de sua atuação científico-intelectual em São Paulo (1886-1905)* ³⁸, foi uma tentativa de acompanhar a trajetória de Derby pelas terras paulistas, especialmente durante seus anos de atuação na agremiação. Após ver o texto publicado, inclusive de forma impressa, fiquei estimulado para continuar a pesquisar sua vida em terras brasileiras, começando a avaliar possíveis fontes mais elucidativas. Para conseguir dar conta das necessidades práticas - especialmente viagens aos arquivos -, preparei dois projetos de pesquisa, que foram submetidos à chamadas Universais do CNPQ, mas infelizmente, apesar de reconhecidos no mérito, não foram selecionados para financiamento, o que foi frustrante. Ante as diversas obrigações docentes que foram surgindo, aos poucos a ideia foi arrefecendo, até que deixei esse plano de lado. Espero poder retomá-lo algum dia.

Em 2013, pude contribuir no dossiê “Meio Ambiente, Museus e Patrimônio”, organizado pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martinez para a Revista “História São Paulo”, da Unesp. Este foi um trabalho em diálogo com a história ambiental, que se desdobrou a partir de meu doutorado. Nele revisito as forças simbólicas que formaram o imaginário daqueles primeiros desbravadores do Noroeste Paulista. O título definitivo foi *Natureza e progresso econômico no Noroeste Paulista (1910-1920)*³⁹.

³⁸ MAHL, Marcelo Lapuente. *Orville Adelbert Derby: notas para o estudo de sua atuação científico-intelectual em São Paulo (1886-1905)*. In: REVISTA DE HISTÓRIA SÃO PAULO, Nº 167, p. 295-320, JULHO / DEZEMBRO 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i167p295-320>

³⁹ MAHL, Marcelo Lapuente. *Natureza e progresso econômico no Noroeste Paulista (1910-1920)*. Dossiê: Meio Ambiente, Museus e Patrimônio. História 32 (2): Dez 2013. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742013000200004>

Quase dez anos após esta minha pesquisa, voltaria às páginas da publicação com um outro texto, agora na sessão de artigos livres, intitulado *Um flâneur no sertão: Sylvio Floreal no Noroeste Paulista*⁴⁰. Nela proponho uma reflexão sobre a biografia de Sylvio Floreal, um literato paulista, verdadeiro *outsider* do campo literário da Primeira República. A história de como cheguei até ele mostra bem os caminhos da análise histórica.

Durante minha incursão nos jornais da década de 1920, arquivados na hemeroteca Prof. Dario de Jesus, na cidade de São José do Rio Preto, me deparei com três ou quatro reportagens que narravam a passagem do escritor, natural de Santos, pela região. À época não pude me debruçar sobre o tema - estava em plena escrita do doutorado -, mas fotografei as reportagens, pensando no futuro; e em 2020, durante o auge da pandemia que nos assolou, pude retomar aquelas antigas fontes, em meio a tragédia que experimentávamos.

O que me fascinou especialmente foi a trajetória irregular e, em grande parte, desconhecida de Sylvio Floreal, e a possibilidade que eu tinha de contribuir para ajudar na difícil tarefa de elucidá-la. As fontes eram incríveis, em relação aos detalhes da viagem, que ocorreu entre maio e junho de 1926, além de fornecerem pistas sobre os futuros passos do escritor após a sua passagem por São José do Rio Preto, em direção ao então estado do Mato Grosso. Posso dizer mesmo que este é, entre os textos que escrevi, o que mais me agrada.

Nesse mesmo contexto de produção, publiquei um segundo artigo sobre Sylvio Floreal, dessa vez em um dossiê organizado pelo Prof. Sandro Dutra e Silva para a “Revista de História Regional”, vinculada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O volume em questão era dedicado à história ambiental, e procurei analisar as reflexões sobre o mundo natural, em contato com o elemento humano, naqueles instantes de desbravamento, em uma das obras mais conhecidas do escritor, chamada *O Brasil Trágico*. O resultado foi *O Brasil Trágico de Sylvio Floreal: uma viagem pelo Mato Grosso*⁴¹. Mais uma vez tive a satisfação de compartilhar esta iniciativa com queridos companheiros de pesquisa.

⁴⁰ MAHL, Marcelo Lapuente. *Um flâneur no sertão: Sylvio Floreal no Noroeste Paulista*. Artigos livres. História 41: 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022005>

⁴¹ MAHL, Marcelo Lapuente. *O Brasil Trágico de Sylvio Floreal: uma viagem pelo Mato Grosso*. Revista de História Regional 25(2): 336-356, 2020. <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/16472>

Os meus estudos no campo da história ambiental, que compreendem não somente projetos de pesquisa, mas também esforços de orientação de monografias e mestrados, tanto no Instituto de História quanto no curso de Jornalismo, deram origem a mais duas publicações em periódicos qualificados.

No periódico “Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi”, publiquei um texto dedicado à obra do geógrafo francês Pierre Monbeig⁴². Nele procurei ler o seu estudo mais importante, o famoso *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, à luz de suas possíveis contribuições para os pesquisadores da história ambiental. Foi um trabalho que exigiu a retomada de antigas leituras, do mesmo modo em que me obrigou a fazer uma operação bastante diversa do que havia realizado até então: converter bibliografia em fonte. O resultado está aí para ser conferido pelos interessados.

Por fim, tive a satisfação de ser coautor de um trabalho com o Prof. Paulo Henrique Martinez, onde procuramos fazer um balanço historiográfico da história ambiental, especialmente brasileira, assim como refletir sobre as possibilidades de pesquisa que a área tem a oferecer. O texto teve como título *História Ambiental: entre o passado e o futuro*, e foi publicado pela “Nova Revista Amazônica”, da UFPA⁴³.

Esses dois textos são exemplos do tipo de reflexão historiográfica que venho fazendo, e com a qual pretendo continuar a escrita acadêmica daqui em diante.

No mais, também publiquei alguns prefácios e apresentações, além de textos mais curtos, para quartas capas, que estão devidamente indicados no currículo *lattes*. São atividades que julgo muito importantes - apesar de serem pouco valorizados nas tabelas

⁴² MAHL, Marcelo Lapuente. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo: a história ambiental e a obra de Pierre Monbeig*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. 13 (1); Jan-Apr 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000100008>

⁴³ MAHL, Marcelo Lapuente Mahl; MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental: entre o passado e o futuro*. Revista Nova Amazônica. v. 9, n. 3; 2021. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11721/8117>

de pontuação dos programas de pós-graduação, que as consideram simplesmente como “trabalhos técnicos” -, na medida em que revelam a rede de contatos nas quais o pesquisador se insere.

Espero continuar sendo convidado para tais iniciativas, partilhando da alegria que é publicar um livro - e todos nós sabemos o quanto isso exige um enorme esforço, especialmente no Brasil -, acompanhando de perto as realizações de amigos e colegas da universidade. Exemplos mais recentes são uma apresentação para o novo livro de Paulo Henrique Martinez, *Museologia, cultura, técnica e trabalho*⁴⁴, e uma resenha para o estudo de Frederico Alexandre de Moraes Hecker sobre o Partido Socialista Brasileiro⁴⁵. Dois convites que me converteram em leitor privilegiado de instigantes pesquisas.

⁴⁴ MARTINEZ, Paulo Henrique. *Museologia: cultura, técnica e trabalho*. Londrina: Editora Pomo, 2025.

⁴⁵ HECKER, F. Alexandre. *História do Socialismo Democrático brasileiro: o Rio de Janeiro como centro produtor e difusor*. São Paulo: Ed. Annablume, 2024. A resenha foi publicada na Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, ligado ao NEHSC, da PUC-SP, e está disponível no endereço: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/70708/47442>

3.5 - Pesquisa e Experiência Internacional

Trato neste momento dos projetos desenvolvidos para além dos que deram origem ao mestrado e doutorado, já devidamente explicitados no item 3.2 deste memorial.

Minha primeira experiência como gestor de um projeto de pesquisa ocorreu durante meus anos como professor no IMES/Catanduva; para ser mais exato, entre 2001 e 2002. A ideia original era construir um banco de dados sobre a história da imprensa na cidade de Catanduva. Para tanto, dois alunos, com bolsas de pesquisa praticamente simbólicas, se dispuseram a buscar em museus e bibliotecas da cidade fontes que pudessem auxiliar futuros estudantes. O problema é que eles não conseguiram se dedicar totalmente ao projeto, trabalhadores que eram, fazendo enormes malabarismos, cheios de boa vontade, para oferecer um pouco de seu exíguo tempo disponível à história. Porém, como não existe mágica no mundo acadêmico, os resultados foram limitados, e o relatório final não chegou a ser publicado.

O mais relevante desse percurso, que durou quase um ano, foi o contato que estabelecemos com o museu Padre Albino, ligado à fundação educacional de mesmo nome, que mantinha - e ainda mantém - uma interessante biblioteca, além de uma hemeroteca muito bem conservada, cuidada com esmero pelo seu competente e simpático diretor, o Prof. Sérgio Luiz de Paiva Bolinelli, também historiador de formação, onde encontramos muitos jornais e revistas da cidade de Catanduva, alguns remontando à década de 1930.

Nessa primeira experiência, aprendi uma lição importante: sem a disponibilidade de bolsas é muito difícil construir algo relevante que envolva a participação de jovens em formação.

Depois disso, trabalhando como professor de ensino médio, envolvido com as escolas e o cotidiano da sala de aula, não consegui encaminhar mais nenhum projeto; o mesmo ocorrendo nas faculdades privadas por onde passei, onde a prioridade era o ensino, por vezes a extensão, e quase nunca a pesquisa. Só encontraria condições favoráveis para novas propostas após meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia, em 2009.

A Universidade Pública é a grande responsável pela pesquisa no Brasil; eis aqui uma realidade impossível de ser contestada, mesmo nesses tempos de *pós-verdade*. E todos nós, servidores/professores pertencentes aos seus quadros, especialmente aqueles que tiveram a experiência de trabalhar em instituições privadas, são testemunhas disso.

Como minha passagem pela UFTM foi rápida, menos de seis meses, falarei de minha experiência na UFU, onde comecei de fato a gerenciar propostas tanto individuais quanto coletivas.

Demorei a entender como me organizar perante a grande quantidade de editais disponíveis aos docentes no momento de minha chegada. Eram chamadas da Diren, PROPP, PROGRAD, PROAE, CNPQ, FAPEMIG, especialmente durante os mandatos do governo Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016). E haja fôlego...

Com o tempo, as verbas para as Universidades foram minguando, especialmente após 2016, após a aprovação pelo Congresso Nacional da Emenda Constitucional 95, que limitou por 20 anos os gastos públicos; ação legislativa, apoiada pelo governo de Michel Temer (2016-2019), que nos trouxe até a situação atual, marcada por carências de toda a ordem e insatisfação generalizada da comunidade universitária, apesar do chamado “Novo Arcabouço Fiscal” defendido pelo ministro Fernando Hadad.

Logo ao chegar à UFU, em 2009, tinha um desejo de começar um estudo mais aprofundado sobre Orville Derby; estava mesmo no meio da escrita de um artigo, que algum tempo mais tarde seria publicado, conforme já relatado.

Um dos alunos do curso de história demonstrou interesse no assunto, e acabamos desenvolvendo uma iniciação científica, dentro de um projeto intitulado “Orville Adelbert Derby: ciência e vida intelectual em São Paulo (1886-1905)”. Foi um ano de estudos, com uma bolsa de iniciação científica, que acabou dando origem também à monografia de final de curso do discente. Infelizmente, ele desistiu da história, tornou-se músico, e seguiu outros rumos profissionais. Uma pena.

Animado com esta orientação, além de minhas próprias investigações, acabei enviando proposta para edital universal do CNPQ em 2011. Infelizmente, não obtive êxito em meu pedido. No ano seguinte, mais uma tentativa frustrada acabou levando esta iniciativa para o fundo da gaveta. A ausência de outros interessados no tema também acabou influenciando nesta decisão.

Depois dele, mais precisamente em 2014, acabei partindo para um outro projeto, chamado “Homens, plantas e animais: história ambiental durante a expansão econômica Paulista (1900-1930)”. A ideia era analisar documentos disponíveis no arquivo público

do Estado de São Paulo sobre as frentes pioneiras paulistas. Consegui duas bolsas de iniciação científica, que foram destinadas para discentes do curso de história.

Os trabalhos foram bem desenvolvidos durante um ano, mas não deram maiores frutos. Os bolsistas acabaram seguindo outros caminhos, e os temas por eles levantados não se converteram em Tccs ou projetos de mestrado.

Um pouco desanimado com as experiências anteriores, fiz uma mudança e acabei me dedicando a um projeto individual sobre a revista *National Geographic*. A ideia central era analisar as relações entre as representações sobre o Brasil e o meio ambiente na publicação, buscando também uma reflexão sobre a história da imprensa, em uma perspectiva transnacional. A participação em um simpósio da ANPUH/SP, coordenado pela prof. Tania de Luca, que ocorreu UNIFESP em Guarulhos, no ano de 2018, foi para mim muito importante, e julguei estar no caminho certo.

Por sorte fui contemplado por um edital Universal da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), com o projeto “O Brasil nas revistas da *National Geographic* (1888-2000)”. Entretanto, as crises econômicas que afetaram o estado atrasaram o repasse de verbas, e o projeto ficou parado oficialmente entre os anos de 2017 e 2021, por falta de recursos. De todo modo, continuei fazendo minhas pesquisas com o material da revista, esperando que o problema fosse resolvido.

Em 2021, fiz um novo projeto para um edital Universal da FAPEMIG, pois já não havia perspectivas de liberação dos recursos anteriormente aprovados. O resultado foi “Meio Ambiente, Impactos Ambientais e Divulgação Científica: uma análise dos dados sobre o desmatamento no território brasileiro produzidos pelo Inpe (1992 - 2020)”. Para minha surpresa, não somente esta nova proposta foi aprovada, como também a FAPEMIG possibilitou aos coordenadores escolherem qual das duas seria finalmente contemplada.

Quanta ironia. De um pesquisador sem projeto financiado passei a ter dois aprovados, tendo que ficar somente com um deles.

Fiz a escolha pelo último, por permitir o trabalho com os orientandos, além de poder contemplar mais diretamente os temas da história ambiental, como o desflorestamento e suas relações com as atividades econômicas. A *National Geographic* continuaria a ocupar minhas leituras, porém como um trabalho individual.

O novo projeto foi desenvolvido entre os anos de 2022 e 2023, e teve como resultado final a produção de um ótimo relatório, com a participação direta da orientanda do projeto, que conseguiu mostrar com números, organizados em gráficos e tabelas, os graves impactos ambientais ocasionados pelo desmatamento, especialmente no Cerrado,

ao longo de quase vinte anos⁴⁶. O site *Uol*, do grupo Folha de São Paulo, em reportagem publicada em 28 de maio de 2024, destacou os dados do Relatório Anual de Desmatamento, divulgados pela rede MapBiomas, que identificou a região do Cerrado como o bioma mais desmatado do Brasil; processo que já havíamos percebido durante a nossa pesquisa⁴⁷. A ideia agora é converter este relatório em um artigo científico, para dar visibilidade ao estudo.

Atualmente retomei o trabalho com a revista *National Geographic*, e o plano é que ele se desdobre em um livro autoral sobre o tema. Até que o momento de sua publicação chegue, esta será a minha principal atividade de pesquisa acadêmica, que já envolve uma orientanda de Tcc. Veremos quais serão os resultados.

A internacionalização da universidade brasileira vem sendo um dos maiores desejos dos gestores da nossa educação superior. Claro que tal intuito exige altos investimentos financeiros, e o famoso programa “ciência sem fronteiras”, idealizado durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, em 2011, ainda é o maior exemplo desse tipo de iniciativa. Segundo dados amplamente divulgados pela imprensa, foram gastos mais de 13 bilhões de reais no plano, oriundos principalmente da Capes e do CNPq.

Desde então, como estamos cansados de saber, os recursos minguaram, mas a expectativas continuam, se é que não se exacerbaram, recaindo muitas vezes, ou quase sempre, sobre os bolsos minguados dos próprios pesquisadores os custos maiores dessa tão alardeada “internacionalização”⁴⁸.

Falando como um professor brasileiro, penso ser um desejo mais do que justo, talvez até necessário, o de viver uma experiência em um país estrangeiro, mas fico um

⁴⁶ Além do relatório técnico, o projeto deu origem à coleção “Entre Rios” de educação ambiental, que foi vencedora do prêmio ABEU 2024, e finalista do prêmio Jabuti acadêmico, no mesmo ano.

⁴⁷ MEDEIRO, Carlos. *Cerrado Passa a Amazônia e Vira o Bioma mais desmatado do Brasil*. Uol. 28/04/2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2024/05/28/cerrado-passa-a-amazonia-e-vira-bioma-mais-desmatado-do-pais.htm>. Acesso em 28/04/2024.

⁴⁸ Sobre isso, leio recentemente no site *uol* uma reportagem, cujo título, por sua objetividade, já resume bem a minha perplexidade e indignação: “Anatel Banca 700 mil em curso e palestra no Exterior para conselheiro”. Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2025/04/11/anatel-banca-r-700-mil-em-cursos-e-palestras-no-exterior-para-conselheiro.htm>. Acesso em 15 de abril de 2025.

pouco contrariado quando vejo que são tantos os problemas básicos que enfrentamos nas universidades, que a viagem à França ou aos Estados Unidos, ou a importância do Congresso em Madri parece algo “fora do lugar”, muito distante de nossa realidade, especialmente em um momento como este, quando enfrentamos, enquanto escrevo este texto (entre junho de 2024 e abril de 2025), os resquícios de uma greve difícil - mas qual não será? -, que lutou pela recomposição mínima do orçamento das instituições federais de ensino, reduzido, em alguns casos, aos mesmos valores disponibilizados em 2014.

Ao mesmo tempo, praticamente naquela mesma semana em que a gestão federal recusava veementemente uma modesta proposta para encerrar a greve, ainda em 2024, fomos convidados por *e-mail*, ou melhor, “convocados” pelo próprio governo a fazer parte de uma iniciativa com o singelo nome de “Programa de Internacionalização sem Limites”. Aparentemente, o orçamento pode ser limitadíssimo, mas o sarcasmo não.

De todo modo, tive duas experiências envolvendo pesquisa e colaboração científica internacional. Uma ainda durante meus anos atuando na iniciativa privada, e outra já como servidor da UFU.

A primeira foi em Angola, e esta viagem nasceu de uma rápida conversa de corredor, como dizemos no ambiente escolar, durante o intervalo das aulas, com a então diretora do IMES/Catanduva, Prof^a. Cibelle Rocha Abdo, ao final de 2008.

Os termos expostos pela diretora, ainda de modo genérico, eram o seguinte: uma pessoa se apresentou como reitor de uma universidade em Angola, e demonstrou interesse em firmar algum tipo de acordo entre as instituições. Era isto.

Bem, a minha primeira reação, como funcionário prestativo, foi “claro, estou à disposição, seria ótimo”, sem achar que o assunto fosse ter algum tipo de continuidade. Porém, para minha surpresa, aconteceu exatamente o contrário.

Na verdade, o inesperado visitante se chamava Carlos Alberto B. Burity da Silva, reconhecido Jurista e reitor da Universidade Independente de Angola (UnIA), sediada em Luanda, e que possuía, na época, sete cursos de graduação. Infelizmente perdi seu contato, mas leio recentemente em um jornal angolano, disponível *online*, que ele se tornou juiz conselheiro do Tribunal Constitucional (TC), atuando na corte suprema do país.

Naquele momento, ele estava em Catanduva por questões familiares, e via o IMES como uma instituição que poderia contribuir na organização de novas propostas em sua própria faculdade, especialmente na área de comunicação, se não me engano o seu maior interesse. Eu, então coordenador do curso de Comunicação Social, que oferecia habilitação em jornalismo e publicidade e propaganda, fui inserido nessas tratativas, que culminaram com a nossa ida até o país africano, em novembro de 2008.

E assim, embarcamos nessa viagem inusitada eu, a diretora e o colega Dennis Henrique Vicario Olívio, a convite da UnIA, para firmar este convenio de colaboração, que mesmo após a minha saída da instituição, em 2009, continuou a render frutos.

Uma vez lá, após viajarmos pela TAAG (Linhas Aéreas de Angola), partindo do Rio de Janeiro, fomos recebidos com extrema cordialidade, tamanha que fiquei várias vezes embaraçado, me achando pequeno perante o carinho que nos era oferecido tanto pelo reitor, nosso anfitrião, quanto por seus funcionários. Ficamos muito bem hospedados, na própria capital de Angola, em um prédio anexo à Universidade, que servia de residência também para outros professores, principalmente portugueses, de onde nos deslocávamos para nossas programações. Do alto de sua construção, ainda inacabada, podíamos observar a cidade de Luanda.

Participamos de muitas reuniões na própria UnIA, onde conhecemos colegas - muitos portugueses e cubanos -, e vários alunos, para quem ministrei uma palestra e um minicurso sobre a história do Brasil. Além disso, fizemos uma visita oficial ao Ministro da Educação, que me deu uma explicação magnífica sobre a origem do “pensador”, símbolo icônico de Angola, reproduzida por todos os lados, como fazemos por aqui com o cristo redentor. Tivemos também uma conversa com o diplomata brasileiro em nossa embaixada. Tomamos café em uma sala ampla e confortável, enquanto lá embaixo, na entrada, sob um sol escaldante, inúmeros angolanos, a maioria homens jovens, trazendo às mãos papéis que imaginei serem seus documentos pessoais, esperavam em fila pelo atendimento consular. Aquela imagem me despertou para o problema da imigração no mundo atual, tema sobre o qual procuro sempre me manter informado.

Fomos também convidados para participar de duas entrevistas para o canal local de televisão, além de uma conversa que foi transmitida via rádio para todo o país, realizada em um pequeno estúdio, muito simples, mas que ostentava uma linda fotografia do músico Salif Keita, sentado na mesma cadeira que agora eu ocupava; constatação que me fez engolir a seco e suar frio.

O assunto de nossas breves intervenções era sempre o mesmo: a vida acadêmica brasileira e as possibilidades de cooperação entre os dois países. Havia um ambiente de esperança pela melhoria das condições gerais de vida, e acho que de algum modo aqueles três professores vindos de uma pequena cidade do interior de São Paulo respondiam, de uma forma muito modesta, a este pulsante desejo coletivo.

Para além desses compromissos oficiais, com seu teor profissional, que faziam parte da minha função como coordenador, e da qual eu já estava habituado, esta viagem à Angola me impactou profundamente, em um nível mais pessoal e profundo. Conhecer o continente, e especialmente o país de origem de parte significativa da gente brasileira, foi significativo, e em certo sentido, também perturbador.

Reconheci aí muito de nós mesmos; uma certa espontaneidade no falar, um certo despojamento no trato, uma teatralidade gestual, uma cordialidade, um jeito de sorrir, formas similares às nossas de se relacionar. Mas vi também as marcas indeléveis da escravidão e do colonialismo, dos séculos de exploração desenfreada e assassina, o caos da vida social, a brutal desordem urbana, a miséria mais vergonhosa e a nossa tão conhecida desigualdade econômica.

Tudo estava lá, condensado em outras vivências, que não eram as minhas, mas que me eram familiares; era como se, de uma forma estranha, eu não tivesse tirado os pés do Brasil.

Ouvi relatos de escravidão existindo ainda nas décadas de 1970, quando pessoas eram presas às fazendas, submetidas pela força, trabalhando por comida, sem qualquer tipo de salário, exploradas por seus “proprietários” portugueses. Conheci pessoas que lutaram na terrível guerra civil - um deles era o próprio motorista, que nos levava pela cidade em uma antiga Mercedes, em intermináveis engarrafamentos, se esgueirando barulhenta por entre *Hummers* e veículos militares imensos, muitos ostentando ainda símbolos soviéticos. Vislumbrei pessoas amputadas, pedindo esmolas de muletas, vítimas das criminosas minas terrestres, que se espelharam pelo país durante o auge do conflito, e que ainda não foram totalmente mitigadas.

Mas também vi danças incríveis, roupas e cores que desconhecia, e visitamos, rapidamente, a famosa “Roque Santeiro”, considerada uma das maiores feiras livres da África. Notei emocionado mulheres fortes trazendo frágeis bebês atados às costas em vibrantes tecidos coloridos, e crianças jogando bola nas ruas vestindo camisetas puídas da seleção brasileira. Experimentei comidas para mim desconhecidas, pisei descalço na terra, tive saudades do Brasil buscando-o do outro lado do Atlântico, enquanto

contemplava o mar, e ouvi, nas intermináveis viagens de carro, canções lindas e melancólicas, das quais jamais me esqueci. E me emocionei ao caminhar por uma floresta de Baobás, confirmando a minha antiga crença infantil de que as árvores são os únicos seres mágicos que existem de verdade.

Ao retornar, tive a certeza de que a minha contribuição aos que me receberam, se é que houve, foi infinitamente menor se comparada ao quanto eu trouxe de lá, que me foi oferecido com infinita generosidade.

A experiência na França foi muito diferente dessa primeira em Angola. Já havia estado outras vezes no país europeu, e sabia de forma geral o que encontraria. A novidade seria a frequência a uma instituição de ensino, no caso a prestigiada *École des hautes études en sciences Sociales* (EHESS), viagem que só foi possível graças à Raquel. Explico.

Durante o segundo semestre de 2021, Raquel conseguiu recursos do chamado Programa Institucional de Internacionalização (Print), financiado pela CAPES. Foi então que decidi tentar também acompanhá-la, mesmo sem bolsa, para conseguirmos viajar com nossas crianças, então com 9 e 5 anos. Para tanto, contamos com a cooperação acadêmica da Prof^a Mônica Raisal Schpun, que nos recebeu oficialmente junto ao *Centre de recherches sur le Brésil colonial et contemporain*, ligado à *École*⁴⁹.

Foram ao todo pouco mais de três meses em Paris, entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022. Ficamos hospedados em um dos vários centros de acolhimento de pesquisadores existentes na cidade, chamado *Les Récollets*, no *10th arrondissement*, onde fomos recebidos de braços abertos pela sua diretora, madame Chrystel Bonfils Dozias⁵⁰.

Uma vez instalados, procuramos nos adaptar à dinâmica da cidade, que assim como toda grande metrópole, exige paciência, tolerância e dinheiro. Uma coisa que desejo esquecer é que viajamos com o euro a 8 reais. Um escândalo.

⁴⁹ Para mais informações sobre o Centro, acessar: <https://www.institutdesameriques.fr/unite-de-recherche/crbc-centre-de-recherches-sur-le-bresil-colonial-et-contemporain>

⁵⁰ Para informações sobre a Recollets, acessar: <https://www.centre-les-recollets.com/en/les-recollets/>

Por fim, após algumas dificuldades, conseguimos criar uma rotina não somente para os estudos, como também para a vida cotidiana, especialmente devido à companhia de nossos filhos, Pedro e Teresa. Contudo, Paris foi para elas um imenso parque de diversões.

Ao longo desses meses, fizemos amizades que trazemos até hoje. A começar pela própria Mônica Raisa Schpun, que nos recebeu em sua própria casa com grande cordialidade e simpatia, ao lado de sua família, para um almoço em um domingo frio e ensolarado, logo na primeira semana após nossa chegada. Nossos vizinhos de porta, a pianista alemã Katinka von Richter⁵¹, seu marido Andreas e sua filha Seraphine também foram amigos de primeira hora. Além deles, os cineastas Daniel Zarvos e Liliane Mutti⁵² estabeleceram conosco uma relação de muito afeto. Também não posso deixar de me referir ao fotógrafo alemão Alain Barbero, com quem mantenho contato até hoje, e que me convidou para participar de seu *blog* sobre arte e literatura⁵³.

Ao mesmo tempo contamos com a preciosa ajuda de uma pessoa já muito próxima da nossa família, com laços construídos bem antes de nossa viagem. Seu nome é Maria Giulia Dondero, italiana de nascimento e professora da *Université de Liège*. Seu carinho foi importante para todos nós naqueles dias de uma Paris fria e chuvosa, ainda assombrada pela COVID-19.

Em relação à vida acadêmica, foi uma experiência magnífica ter conhecido a EHESS por dentro. Lá estávamos nós, eu e Raquel, na mesma instituição que abrigou desde os primeiros instantes os *Annales*. Para mim foi como visitar os bastidores de uma grande peça teatral, criada há quase cem anos, e que continua a ser encenada por atores e atrizes de todo o mundo.

Os encontros com o grupo de Mônica Raisa Schpun ocorreram já no novíssimo prédio da *École*, uma majestosa construção que ganhou prêmios por sua arrojada arquitetura, no campus *Condorcet*, em Aubervilliers⁵⁴. Tudo cheirando a novo, revelando um esmero com o bem público que contrastava com a experiência dos prédios de nossas universidades, que por vezes se parecem com ruínas quase ao mesmo tempo em que são inaugurados.

⁵¹ Katinka possui um site com informações sobre o seu trabalho artístico: <https://katinkavonrichter.com/>

⁵² Os dois lançaram recentemente um aclamado documentário intitulado *Miucha: A Voz da Bossa Nova*.

⁵³ Para conhecer o site, acessar: <https://c.entropy.at/fr/marcelo-lapiente-mahl/>

⁵⁴ O campus mantém um site muito completo, com informações sobre seu funcionamento: <https://www.campus-condorcet.fr/en>

A vida universitária que presenciamos se dava de forma muito semelhante à nossa. Encontramos mestrandos e doutorandos solícitos e curiosos pela nossa pesquisa, muitos pós-doutorandos em passagem pela *École*, já em fase de retorno ao Brasil, frutíferas discussões acadêmicas, intercaladas com frequências às bibliotecas e preocupação com os prazos a serem cumpridos. Mas tudo foi muito revigorante, especialmente para mim, que tive pela primeira vez, desde a minha formatura, em 1996, um tempo dedicado única e exclusivamente ao trabalho acadêmico, afora obviamente as obrigações familiares, especialmente com os pequenos, que continuaram como sempre, talvez até exacerbadas pelo contexto estrangeiro.

Tivemos inclusive de contar, durante as nossas ausências, com a ajuda de uma “babá” argelina, chamada Zaia, que se comunicava com Pedro, nosso filho mais velho, então com nove anos de idade, por meio do aplicativo de tradução do google; o mesmo que nossa vizinha alemã utilizava para conversar com sua cozinheira chinesa, que não falava uma palavra de francês. E devo dizer que, no final, todos se entenderam muito bem. Pedro, Teresa, Zaia e a sorridente senhora chinesa, que nos oferecia comidas saborosíssimas, que minha filha recusava veementemente com o gesto universal da careta.

Um desejo que também pude realizar foi assistir a um curso no famoso *Collège de France*, ministrado naquele momento pelo Dr. Christian Gollier, da Universidade de Toulouse, especialista nas relações entre economia, energia e meio ambiente⁵⁵. Logo na fila de entrada, percebi que eu era sem dúvida um dos mais jovens ouvintes - e olha que eu já havia passado dos quarenta há bastante tempo -, ante um mar de cabelos grisalhos que, assim como eu, esperavam no frio de uma garoa insistente, em um anoitecer de ruas movimentadas, para entrar no antigo prédio localizado no centro do *Quartier Latin*.

Foi sem dúvida uma grande experiência, especialmente pela certeza que tive de que os pesquisadores das ciências humanas formam uma espécie de irmandade inconfundível; eram todos silenciosos, atentos, meio desgrehados, com seus cadernos de anotações e livros trazidos embaixo do braço, cobertos por sobretudos meio puídos, invariavelmente de óculos, e após o final de uma ótima conferência, prestigiada por dois auditórios lotados, fomos todos embora discretamente, nos dispersando pela cidade como formiguinhas, a maioria em direção ao metrô, e muitos de bicicleta, deixadas amarradas

⁵⁵ Sua aula inaugural pode ser vista em: <https://www.college-de-france.fr/fr/actualites/lecon-inaugurale-de-christian-gollier>

em frente ao *Collège*, numa cena distante de qualquer demonstração de soberba ou afetação que me deixou genuinamente emocionado.

Por fim, devo acrescentar um comentário sobre as pesquisas que realizei na BnF, a Biblioteca Nacional da França, ou *Bibliothèque François-Mitterrand*. Foi uma felicidade imensa poder frequentar os mesmos arquivos nos quais Robert Darnton e Roger Chartier - dois intelectuais que admiro especialmente -, e outros incontáveis historiadores, dos mais conhecidos aos anônimos, ao longo de décadas, vem se fartando.

No primeiro dia de minha visita, após realizar o cadastro necessário e descer pelas longas escadas rolantes que dão acesso às mágicas estantes, tirei uma *self* desavergonhada, com um largo sorriso no rosto, que logo enviei para Raquel, como prova do meu pasmo e também da minha gratidão. Sem dúvida este foi o lugar mais incrível que frequentei durante toda a minha estada, e no qual quero voltar inúmeras vezes, se Clio e o câmbio assim o permitirem. Além disso, tive a sorte de chegarmos à Paris no mesmo período de uma exposição, organizada pela própria BnF e totalmente gratuita, sobre a vida e a obra de Baudelaire, com a apresentação ao público de vários de seus originais. Ver os manuscritos das *Les Fleurs du mal*, além de outras raridades bibliográficas, por vários dias consecutivos, durante o tempo que eu quisesse, em um ambiente calmo e acolhedor, foi uma experiência das mais gratificantes de toda a nossa viagem⁵⁶.

Em relação à pesquisa, localizei e digitalizei uma série de documentos que julgo interessantes para a minha área de pesquisa atual, a história ambiental, e espero poder em breve iniciar a divulgação das reflexões ensejadas por esse material em eventos científicos futuros.

A conclusão é que viajar como pesquisador é ótimo e faz bem para a alma; e tenho certeza que a gerente da minha conta na Caixa Econômica Federal, que me concedeu um belo empréstimo consignado para custear a aventura, é a primeira a concordar comigo.

⁵⁶ A exposição, intitulada *Baudelaire, la modernité mélancolique*, ainda pode ser visitada online: <http://expositions.bnf.fr/ baudelaire/> Acesso em 6 de junho de 2024.

3.6. Atividades de Gestão

As atividades de gestão nas quais me envolvi, ao longo da minha trajetória como professor, não foram algo programado ou que desejasse particularmente. Durante a graduação não somos preparados para este nível de atuação, e penso que até hoje esta questão é negligenciada, para não dizer inexistente, nos currículos das licenciaturas, o que julgo ser um grave erro. Uma disciplina de gestão escolar não faria mal a ninguém, especialmente aos formandos que se lançarão de fato na docência.

Isso porque, ao longo de uma carreira, que costuma ser longa, especialmente devido às últimas reformas previdenciárias, são muitos os momentos em que somos chamados para cumprir atividades de coordenação ou mesmo de direção, e o que ocorre geralmente é que aprendemos durante o processo, aos trancos e barrancos; o que nem sempre dá certo, gerando muitas crises, mal-entendidos e inseguranças, com resultados por vezes traumáticos, tanto para quem assumiu este papel, que pode se revelar totalmente inapto para a função, quanto para os seus eventuais “subordinados”, submetidos aos desmandos de um gestor incompetente, uma situação realmente desagradável, mas infelizmente mais comum do que se imagina.

De todo modo, enfrentei, assim como outros colegas já o fizeram, este enorme desafio, nas vezes em que ele me foi apresentado; e foram ao todo quatro momentos, com exigências bastante distintas.

O primeiro deles foi a coordenação do curso de Comunicação Social do IMES/Catanduva, função que desempenhei entre os anos de 2003 e 2009. O curso já vinha muito bem-organizado pela prof. Valderez Helena Gil Junqueira, grande amiga e parceira de trabalho. O meu esforço inicial foi para não estragar o que havia sido feito, e penso ter conseguido.

Mantivemos ao longo dos meus anos à frente da coordenação uma situação que julgo harmônica entre os colegas docentes; por sorte contávamos com um ótimo grupo de jovens professores, todos mestres ou em vias de se doutorar, como eu próprio. O curso

era pequeno, com uma estrutura enxuta, o necessário em nível de graduação, e os alunos, todos da região do Catanduva, eram no geral solícitos e interessados pelo estudo. Sem dúvida foram bons os frutos que colhemos nessa instituição.

Participei como coordenador de um processo de renovação de licença para funcionamento, junto ao Conselho Estadual de Educação do estado de São Paulo, que felizmente foi bem-sucedido. Também, para meu alívio, tive que administrar poucos casos que terminaram em demissão, apesar de ter sido chamado para gerenciar alguns conflitos, e sempre procurei me colocar como um parceiro de trabalho, sem abrir mão das minhas atribuições, que eram necessariamente manter todo o sistema funcionando, prestando contas, de tempos em tempos, à diretoria da faculdade, que sempre se mostrou acessível. Da coordenação saí somente quando fui aprovado no concurso da UFTM, em junho de 2009; e não me esqueço das palavras de carinho que recebi de todos os colegas, sem exceção, quando de minha despedida.

Contudo, um pouco antes dessa aprovação, mais precisamente no ano de 2008, participei de uma experiência como coordenador, em uma espécie de administração coletiva, no Colégio Anglo Carlos Chagas Filho, onde também era contratado como professor de História.

Éramos, se não me engano, cinco ou seis docentes que se revezavam nas decisões administrativas da escola, junto com a mantenedora, a verdadeira “dona” do negócio. Nossa obrigação, nesse novo formato que nos foi apresentado, era receber os pais para conversas quando necessário, além de ajudar a resolver conflitos junto aos alunos; coisas comuns do dia a dia escolar, como problemas de indisciplina, baixo desempenho acadêmico ou conflitos entre os estudantes. Nesta questão, em especial, presenciei situações difíceis, que me exigiram paciência, capacidade de ouvir e dialogar.

Dessa experiência como coordenador, também gostaria de mencionar certas dificuldades na relação entre os professores, e entre os professores e os coordenadores. Apesar de, em teoria, todos estarem no mesmo barco, por vezes as coisas mudam de rumo, e cenários nada amistosos se estabelecem; situações que tendem a piorar ao final de cada ano, quando, nas escolas particulares, um novo ciclo se apresenta, e as especulações sobre quem será demitido ou não surgem naturalmente das conversas na sala dos professores. Além disso, o cansaço, fruto do excesso de carga horária, pode converter mesmo o mais agradável ambiente de trabalho em um lugar de difícil convivência. Cabe aí, portanto, uma dose maior de equilíbrio, bom senso e serenidade dos gestores em exercício.

Uma outra realidade enfrentada por mim, nesses tempos de coordenação, era a evidente insegurança de muitos pais, e digo muitos, mas talvez pudesse dizer todos, no árduo processo de educação de seus filhos, exigindo, diversas vezes, respostas imediatas e infalíveis para os desafios da criação que nós, professores responsáveis por uma série de ações, entre elas tentar ensinar alguma coisa, enquanto cuidamos dos nossos próprios problemas, somos incapazes de oferecer.

Por outro lado, hoje, como pai de duas crianças, tendo ao meu lado uma esposa absolutamente comprometida quanto às nossas obrigações na educação dos filhos, entendo que a escola, formada por todos os seus agentes, dos responsáveis pela limpeza aos diretores, passando pelos professores e coordenadores, são parceiros fundamentais na formação dos jovens, ante os imensos desafios do mundo atual. E penso sempre que talvez eu pudesse ter feito muito mais do que fiz se na época eu já tivesse tido a vivência revolucionária da paternidade.

Em 2009, quando ingressei no sistema público federal, pensei ter deixado definitivamente para trás essas experiências - que para dizer francamente foram interessantes, mas exaustivas -, acreditando que jamais retornaria à elas, relegando-as ao *lattes* e à memória. A esperança era a de iniciar uma nova fase da minha vida profissional, e pudesse me dedicar, finalmente, somente ao ensino e à pesquisa, com uma carga horária compatível com as exigências de uma boa produção acadêmica.

Pois bem. Mais uma vez, eu estava totalmente enganado.

Logo na minha chegada à UFU, percebi uma grande dificuldade com o preenchimento dos cargos, por motivos diversos. Para os que não estão familiarizados com a organização do ensino superior público brasileiro, são os próprios servidores, entre técnicos e docentes, que administram a universidade, com a clara predominância dos últimos nos cargos com maior poder de decisão.

Em meados de 2011, fui envolvido, com minha total anuência, em um conturbado processo sucessório para a direção do Instituto de História, onde permaneço lotado até hoje. Um pequeno grupo parecia me apoiar, e entrei no processo de escolha, realizado com o voto de alunos e técnicos administrativos, além dos docentes, tendo a certeza da

derrota, e explico o porquê: a nossa candidatura era muito mais uma forma de marcar posição em um terreno especialmente adverso do que uma “vontade de poder”. Entretanto, a surpreendente desistência do outro candidato permitiu a minha inesperada “vitória” (de Pirro?).

Fiquei assustado; ainda me considerava um novato na universidade, com somente três anos de casa, e tive que aprender rapidamente coisas pelas quais, em outras circunstâncias, eu jamais me interessaria.

A direção, em nosso organograma, é um cargo administrativo, que cuida das decisões de ordem prática, tais como orçamento interno, distribuição de disciplinas, e representação nos conselhos superiores, sem implicações pedagógicas; estas ficam à cargo da coordenação de graduação, de seu colegiado e também do NDE (núcleo docente estruturante). O diretor também é responsável por pautar e presidir o conselho da unidade, sua instância decisória máxima, onde participam, até hoje, todos os docentes, além de representantes dos alunos e técnicos administrativos lotados na unidade.

Em retrospecto, penso que o mais interessante dessa experiência foram as minhas participações no Consun (Conselho Universitário) e Condir (Conselho Diretor), as mais altas instâncias decisórias da universidade, presididas pelo próprio reitor em exercício. Durante a minha gestão, que durou entre 2012 e 2015, acompanhei o trabalho de dois deles, o dentista Alfredo Júlio Fernandes Neto, em seu último ano de mandato, e o médico Elmiro Santos Resende.

Foi durante as participações nesses conselhos que pude de fato conhecer as “entranhas” da UFU, ou seja, a complexidade da máquina pública, em pleno funcionamento. Também consegui ter um panorama geral dos meus colegas, uma vez que todas as unidades se faziam representadas nas reuniões, que aconteciam quinzenalmente, ainda de modo presencial. Foram, portanto, quatro anos seguindo de perto os descaminhos da educação pública nacional, que me ofereceram uma visão bastante apurada e abrangente dos problemas e dos dilemas enfrentados pelo sistema.

Nessa minha trajetória, tive mais uma vez o apoio fundamental dos secretários da unidade, Luciana Lemes de Andrade Barbosa e Luís Augusto Mesquita, sempre disponíveis e solícitos. Também contei com a preciosa ajuda do prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, com sua escuta amiga e conselhos assertivos; e claro, de Raquel, fiel parceira em todas as circunstâncias.

Em 2015 saio da direção com a sensação de dever cumprido, sem tapinha nas costas ou presente de despedida, com a amizade mais do que reforçada de alguns, e

algumas inimizades, por motivos que já não me interessam. Mas nada que me chateasse de fato. Estava disposto a me concentrar, dali em diante, nas minhas pesquisas, especialmente porque havia acabado de me cadastrar em dois programas de pós-graduação (PPGHI e PPGCE).

Entretanto, na mudança de reitoria, fui chamado pelo então candidato vitorioso, o engenheiro Valder Steffen Junior, que apoiei durante a campanha, para participar de sua administração. Um pouco sem querer, mas curioso por essa nova experiência, aceitei. E foram mais quatro anos, entre 2017 e 2020, acompanhando ainda mais de perto o cotidiano administrativo da UFU.

Fiquei lotado no próprio gabinete do reitor, observando o movimento diário de pessoas em busca de respostas para as demandas infinitas que recaem sobre os reitores.

Tive duas responsabilidades especialmente desafiadoras. A primeira era estruturar o SIC (Serviço de informação ao cidadão), tornado lei durante o governo de Dilma Vana Rousseff, por meio de um portal de transparência ativa. Para tanto, contamos com o trabalho excelente do Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação da UFU (CTIC), que desenvolveu uma ferramenta totalmente acessível aos cidadãos, o que representou um ganho muito importante para a democratização da informação na universidade.

Um segundo desejo era o de criar um instituto de estudos avançados na UFU, nos moldes dos que existem na USP, UFMG, Unicamp e UFRJ. Entretanto, todos os planos nesse sentido acabaram sendo frustrados pela falta de recursos e, principalmente, pela pandemia de COVID, que prejudicou seriamente os dois últimos anos daquela gestão. Neste sentido, sai em 2019 com um sentimento de revés por não ter conseguido encaminhar este projeto, que ainda julgo da mais alta relevância.

A avaliação final que faço dessas quatro experiências como administrador é a de que a gestão foi, e continua sendo, um duro aprendizado. Não é possível conhecer todas as respostas para os problemas que surgem cotidianamente. Por outro lado, apesar das imensas dificuldades, continuo convicto de que são os educadores que devem ocupar esses espaços; não acredito que administradores profissionais, que nunca marcaram suas

roupas de giz, nem sabem o que é dar a sexta-aula em uma sexta-feira, para finalmente encerrar o quadragésimo compromisso da semana, quando a voz já falta, ou passar uma madrugada corrigindo provas, possam oferecer melhores soluções para a educação do que os próprios professores.

Quando se acredita que o ambiente escolar é somente um negócio, como qualquer outro, e infelizmente este é um discurso que se alastra pelo país, abre-se espaço para a devastadora lógica empresarial, que já infesta os sistemas de ensino, do nível infantil ao superior, inclusive públicos, chegando a defender, como se fez recentemente no estado mais rico da nação, que o material didático entregue aos alunos seja produzido por inteligência artificial, ou que professores sejam substituídos por vídeos pré-gravados. É nosso dever como cidadãos reagir a mais este ataque ao trabalho docente, que nada acrescenta ao nosso já debilitado sistema educacional.

Eu fico mesmo imaginando um futuro próximo, quando um robô com a mais avançada IA, vendido à peso de ouro por um burocrata qualquer, apontar o seu dedo humanoide para o aluno indisciplinado e problemático - sim, aquele conhecido personagem, que se senta na última carteira, diz tudo o que lhe vem na cabeça e nunca faz tarefa de casa -, e disser: “Juninho, escute bem: se você não parar quieto eu vou ter que te mandar para a Diretoria...”; e o robô vai repetindo a mesma frase, subindo o tom a cada nova chamada, porque o Juninho não fica quieto de jeito nenhum, onde já se viu, não tem respeito esse Juninho, parece que tem fogo no rabo, ou está endemoniado. “Faça o favor, Juninho! Assim não é possível!”.

Podem apostar que o robô não aguenta.

Vai pedir demissão na primeira semana, ou simular um curto-circuito para conseguir um atestado de trinta dias com o Elon Musk.

3.7. Literatura

A minha relação com a escrita ficcional sempre foi a de um leitor obstinado, e o impulso de me aventurar por essas veredas esteve sempre latente, caminhando junto com a minha profunda admiração pelos escritores. Coisa absolutamente comum de se encontrar, principalmente no meio intelectual; eu era um dos inúmeros que mantinham o desejo de escrever um romance, por exemplo, um livro de contos, ou pior, poesia (!), mas ficam mesmo estagnados no desejo, sem realizá-lo. Enrique Vila-Matas, em seu mais recente livro, trata de forma jocosa algumas dessas curiosas figuras, a dos “escritores sem escrita”, que atravessam a vida se passando por escritores, desfilando pelos cafés, “com uma caderneta no bolso e uma frase na cabeça”, mas fugindo de uma verdade irrefutável: para ser escritor é preciso, em algum momento, de fato, escrever⁵⁷.

Nesse mesmo sentido, um outro ficcionista afirmou, agora em um texto sobre si mesmo, “Um perigo me rondava sempre: jamais ultrapassar as fantasias de um bem-intencionado candidato a escritor, que iria passar a vida em plena esterilidade, apenas consumindo os escritos dos outros”⁵⁸. Não é um mero acaso que este mesmo autor, Wilcon Joia Pereira, me disse lá atrás, em um encontro já relatado, ocorrido em uma manhã ensolarada que iluminava os longos corredores da Unesp, as palavras mágicas das quais não me esqueço: “Marcelo, quer escrever, escreva. Todo os dias. Errando ou acertando, escreva”.

Assim, sob a sombra constante do medo de fracassar, ou pior, de ser ridículo, foi ganhando corpo, ao longo dos anos, um desejo meio difuso, mas persistente, de tentar finalmente concretizar um projeto literário, o que significava necessariamente, para mim, além de produzir um original, publicá-lo em livro.

Por outro lado, se escrever nunca foi um problema, conseguir uma editora para viabilizar este texto era uma outra coisa completamente diferente. Sempre procurei me informar sobre o mercado editorial brasileiro, tanto por objetivos acadêmicos quanto por interesse pessoal, e o cenário sempre foi desanimador, realidade que só vem piorando.

Dificuldades em publicar ficção não são um fenômeno recente, e mesmo os maiores escritores já tiveram originais recusados, ou mesmo foram obrigados a financiar as suas próprias obras em algum momento de suas carreiras, e aí a lista é imensa: Euclides

⁵⁷ VILA-MATAS, Enrique. *Montevideú*. Trad. Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cia das Letras, 2023. p. 63.

⁵⁸ PEREIRA, Wilcon. *Re-lances do Livro de Biúte*. São Paulo: Ed. João Scortecci, 1986. p. 19.

da Cunha, Oswaldo e Mario de Andrade, e tantos outros. Até Proust teve o primeiro original de sua *recherche* negado pela Gallimard, após avaliação negativa do escritor André Gide, em uma das maiores gafes editoriais de todos os tempos.

As editoras também não são os locais mais receptivos aos novos autores, o que já é em si um paradoxo difícil de explicar. A maioria delas sequer responde aos *e-mails* dos desafortunados postulantes, valendo muito a rede de relações de cada um para conseguir ao menos ter um “não” formal, invariavelmente seguido de frases feitas como “não desista de seu sonho!”. Enfim, frustrar-se é uma possibilidade constante para um ficcionista de primeira viagem, ainda mais quando é agraciado com uma resposta medíocre dessas; e de fato a grande maioria abandona o barco, antes mesmo dele deixar o estaleiro.

No meu caso, o que posso dizer é que após muitas idas e vindas, recuos e revisões, acreditava ter, por volta de 2017, um livro de poesias pronto. Uma unidade narrativa que podia chamar de livro. E a pergunta que se seguiu foi: e agora? O que eu faço com isso?

Fiquei tentado em apagar o arquivo e esquecer do assunto, ou então abandoná-lo em uma pasta inacessível do word.

Porém, ao contrário do que deveria acontecer, tomei coragem e segui em frente, sem saber direito aonde aquilo tudo ia dar. Entrei então em contato com a única pessoa que conhecia no mundo editorial, Margareth Graciano Cornélio, responsável pela Pontes Editores, com quem já havia trabalhado em dois projetos acadêmicos, e que durante o processo se demonstrou uma interlocutora atenta e gentil.

Apesar de saber que sua editora não era um selo dedicado exclusivamente à ficção, tendo fortes vínculos com a produção universitária, esperava que ela me direcionasse para alguma casa que eventualmente se dispusesse a avaliar os meus originais. Seria a primeira vez que me lançaria a uma empreitada como esta, e desejava muito ter o escrutínio de um profissional da área. E é claro que a resposta que esperava era um “não”, ou seu usual eufemismo: “vamos ver”. Apesar de acreditar naqueles poemas, este era sem dúvida o caminho esperado.

Após algumas semanas, Margareth me respondeu, e para minha surpresa, demonstrou não somente ter gostado do original, como também revelava o desejo de publicá-lo como uma escolha editorial dela, sem custos ao autor.

Claro que fiquei muito feliz, mas também inseguro. Publicar ficção, especialmente poesia, não deixa de ser uma forma de exposição a qual eu não estava acostumado. Mas não havia mais como recuar, e o meu *Fogo-Fátuo, Combustão Espontânea*, apareceu com uma bela capa, criada pelo artista João Henrique Lodi Agreli, em 2020. Foi a minha

estreia na ficção, e desde então eu nunca mais parei de pensar em projetos dessa natureza⁵⁹.

Depois dele vieram, à convite da editora Pontes, os livros *É hora de Sentir* (2021), *Guia das livrarias Mágicas* (2023), ambos ilustrados pelo artista Carlos Gabriel Ferreira, além de *Entre Ruínas: imagens de Herculano e Pompeia*, um ensaio poético visual que dever ser impresso neste ano de 2025. Tivemos, ao longo de 2024, a ótima notícia de que os dois primeiros foram aprovados em editais do PNLD, o que sem dúvida é um importante reconhecimento do trabalho⁶⁰.

Mais recentemente, comecei uma parceria com outra editora, Márcia Regina Takeuchi, proprietária do selo Casa Oito/Atalante, sediada na cidade de São Paulo. Juntos fizemos, até o presente momento, *Pssssiu – O bebê está dormindo* e *Cidade Hábitat*, e outros projetos estão em produção, em especial um conjunto de três livros intitulados *Trilogia Caipira*; todos eles marcados pelo profissionalismo e dedicação de Márcia e sua equipe ao meu trabalho⁶¹.

Também fui surpreendido com três premiações. Fui finalista do prêmio Jabuti-acadêmico de 2024, pela coleção *Entre Rios*, financiado pela FAPEMIG, editado pela Edufu e ilustrado pelo parceiro Carlos Gabriel Ferreira; com esta mesma coleção, dividida em três livros voltados para o público infantojuvenil, ganhamos o 10^a Prêmio ABEU 2024⁶². Uma outra obra premiada foi *O visitante intergaláctico*, vencedor do II Prêmio Nelly Novaes Coelho de literatura infantil e juvenil 2023, organizado pela União Brasileira de Escritores (UBE). O livro foi publicado pela Editora Cintra, que tem como proprietária a querida Leda Cintra, que não poupa esforços para a produção de cuidadosos

⁵⁹ MAHL, Marcelo Lapuente. Fogo-fátuo, Combustão Espontânea. Campinas: Editora Pontes, 2020.

Acesso em: https://www.martinsfontespaulista.com.br/fogo-fatuo-918706/p?origin=autocomplete&p=fogo%2520f%25C3%25A1tuo%2520&ranking=1&typeclick=3&ac_pos=header

⁶⁰ O livro *É hora de sentir* já está no mercado (https://www.martinsfontespaulista.com.br/e-hora-de-sentir-999155/p?srsId=AfmBOorGp5BJwXAN4jZrnA7C_t-ZnC7eB4XvndiZaIcL9MZezhz6ttbh). Já o *Guia das Livrarias Mágicas* ainda aguarda a execução do PNLD para ser lançado comercialmente. Os editais aprovados foram, respectivamente, PNLD Nº 01/2021/CGPLI, e PNLD 2024-2027/ANOS FINAIS.

⁶¹ Os três livros tem projeção de lançamento para o ano de 2025.

⁶² São três livros são: *O Céu do Cerrado* (<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/42099>); *O Céu do Litoral* (<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/42100>) e *O Céu do Amazonas* (<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/42098>). As versões impressas devem ser lançadas no primeiro semestre de 2025, também pelo EDUFU.

projetos editoriais. Pelas suas mãos chegou também *Aniversário na Floresta*, voltado para o público infantil⁶³.

Atualmente desenvolvo um trabalho do qual tenho muito orgulho, junto ao amigo Luciano Victor Barros Maluly, professor da ECA/USP, que mantém um site, e também uma revista, chamada *Alterjor*, voltada para temas da política, arte, cultura e ação social. Ao lado do artista gráfico João Agreli, ilustrador de primeira grandeza, temos publicado um diálogo entre poemas e ilustrações; um registro verbal/visual que tem dado ótimos resultados⁶⁴.

O campo literário não é nada fácil. É um espaço muito competitivo, onde as redes de relações contam muito, dominado por poucos grupos editoriais com forte presença midiática, concentrados em duas ou três capitais do país, que disputam também grandes fatias de recursos públicos, especialmente neste momento, quando os modos de leitura e as formas de consumir literatura se transformam radicalmente. Entretanto, tenho encontrado alguns amigos em nossa movimentada República das Letras que me dizem: continue. E eu, teimoso e imprudente, continuo.

⁶³ O visitante intergaláctico já está no mercado (<https://www.martinsfontespaulista.com.br/o-visitante-intergalactico-1116105/p>), assim como *Aniversário na Floresta* (<https://www.martinsfontespaulista.com.br/aniversario-na-floresta-1117536/p>).

⁶⁴ Acesso aos poemas no endereço eletrônico: <https://www.usp.br/alterjor/?p=2817>

Conclusão

Este memorial se encerra aqui, conforme as normas acadêmicas exigem, com uma “conclusão”.

O que posso dizer neste momento é que continuaram, mesmo durante a escrita deste texto, e continuarão após o seu término, as orientações, as bancas, os eventos, as aulas, os editais para preparar, cargos para assumir, as comissões para integrar, as reuniões nos conselhos, os relatórios, planilhas, fichas, planos, formulários, tabelas, pareceres, solicitações, recursos, enquetes...os processos para relatar, projetos para avaliar, *e-mails* para responder, as teses e dissertações para corrigir, a preparação das aulas, as provas e as notas para lançar...e outras tantas urgências não enumeradas, fora as que ainda serão criadas, porque o Sistema Eletrônico de Informações (SEI) nunca se satisfaz, que recaem, ou certamente recairão sobre os ombros de um professor do ensino superior de uma instituição pública federal.

Mas e a pesquisa?

Bem, no que se refere à pesquisa científica, que no mundo ideal seria o eixo central de uma carreira universitária, o que virá deverá sempre buscar um espaço ao redor daquilo que não pode ser deixado de lado. É mesmo um grande desafio encontrar lugar para algo que seja genuinamente fruto de uma escolha puramente acadêmica, desvinculada daquelas nossas “despesas obrigatórias”, das quais não podemos fugir; inúmeras contas que devemos prestar incessantemente à sociedade, à instituição e ao Estado.

Apesar das dificuldades, continuar a investigação sobre a *National Geographic Society* é o meu principal objetivo. Espero poder encerrar este trabalho até 2026, colocando um ponto final em um livro sobre o tema. Depois dele, um novo projeto sobre literatura infantil se apresenta no horizonte, ideia que já começou a ser organizada em fichas e anotações bibliográficas. E assim manter viva a curiosidade científica, sem negligenciar todo o resto...

Confesso, entretanto, me sentir por vezes tão miseravelmente atarefado, cansado e sem saída, tentando me equilibrar entre a vida profissional e pessoal, com tanto a fazer em tão pouco tempo, que sinto como meu o desabafo doloroso de Franz Kafka à sua então enamorada, Felice Bauer, quando esta lhe perguntou, em uma de suas cartas, talvez de forma um pouco ingênua, sobre seus planos para o futuro:

Fiquei surpreso com a pergunta...Naturalmente não tenho projeto algum, qualquer expectativa, não tenho possibilidade de andar para o futuro; cair no futuro, atirar-me no futuro, tropeçar no futuro, isto é o que sei fazer, e o que posso fazer de melhor é ficar deitado aqui. Mas planos e expectativas, realmente não tenho nenhum; quando me sinto bem, fico totalmente repleto de presente; quando me sinto mal, já amaldiçoo o presente, que dirá o futuro ⁶⁵.

“Tropeçar no futuro”, e conseguir reerguer-se por completo. Aí está um grande desafio.

⁶⁵ Kafka, Briefe an Felice und andere Korrespondenz aus der Verlobungszeit. (apud Zischler, Hanna. Kafka vai ao cinema. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, p. 90).